

O GALO

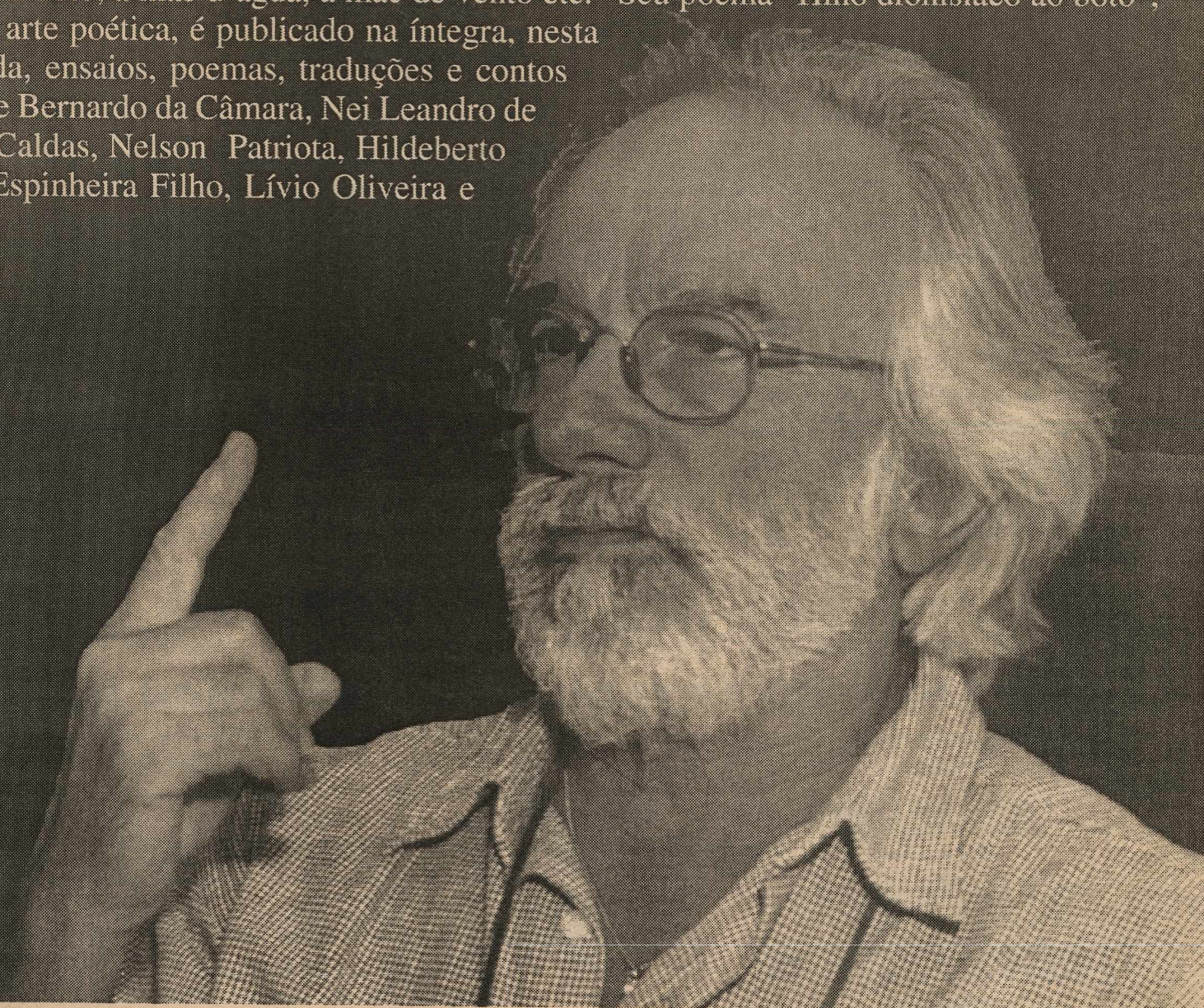
ANO XIV - Nº 7 - Julho 2002

NATAL-RN

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

Poeta e intérprete da mitologia amazônica, João de Jesus Paes Loureiro é hoje uma referência essencial para o conhecimento da Amazônia, através de obras como *Cantares Amazônicos*, *Cultura amazônica na poética do imaginário* e *Poesia como encantaria da linguagem*. Em entrevista a O GALO, ele fala da repercussão da sua obra poética e ensaística na Alemanha e na França, analisa mitos amazônicos, como a lenda do tambatajá e da boiúna, e explica um conceito fundamental em sua poética e que é próprio da cultura amazônica: o de encantaria: “o Olimpo submerso dos rios da Amazônia e onde moram os deuses, os encantados, como o boto, a mãe d’água, a mãe de vento etc.” Seu poema “Hino dionisiaco ao boto”, representativo de sua arte poética, é publicado na íntegra, nesta edição, que traz, ainda, ensaios, poemas, traduções e contos assinados por Nathalie Bernardo da Câmara, Nei Leandro de Castro, Dorian Gray Caldas, Nelson Patriota, Hildeberto Barbosa Filho, Ruy Espinheira Filho, Lívio Oliveira e Paulo de Macedo.



Mitologia amazônica e o mito de Nísia Floresta

Um pouco da poesia amazônica, seus mitos e sua literatura enformam a entrevista que o poeta e ensaísta João de Jesus Paes Loureiro concedeu a O Galo e cuja íntegra é publicada neste número. Na entrevista, ele defende a integração entre artistas e escritores amazônicos com seus colegas do Nordeste, com vistas à troca de experiências, projetos e enriquecimento mútuo. Como apêndice à entrevista, publicamos o “Hino dionisíaco ao boto”, que mostra a complexidade e a beleza da poesia de João de Jesus, fundamentada no conceito de “encantaria da linguagem” que ele desenvolveu.

No ensaio “Nísia Floresta, lendas & mitos”, Nathalie Bernardo da Câmara refuta o que classifica de “campanhas caluniadoras” movidas pela educadora Isabel Gondim contra a poetisa de Papari, bem como um “mito” a seu respeito difundido pela escritora Socorro Trindad.

Nelson Patriota comenta o cinquentenário de lançamento da novela “O Beco”, de Renard Perez, que sai em nova e revista edição pela editora carioca Mileto.

Nei Leandro de Castro abre mais algumas páginas do seu diário secreto, reportando-se ao tempo de exílio em Portugal, quando sai um tanto desapontando de um encontra com o poeta Vinicius de Moraes.

Hildeberto Barbosa Filho estuda a metáfora predicativa na obra poética de Francisco Carvalho.

José Anchieta Cavalcanti inicia uma série de retratos dos solares e casarões do Ceará-Mirim.

Paulo de Macedo assina o conto “Aquele baú”.

A série “Bibliotecas vivas do Rio Grande do Norte” chega a seu 6º número focalizando a biblioteca do escritor Pedro Vicente Costa Sobrinho, com destaque para sua estante de sociologia, história e gastronomia.

Poesia em dose tripla: o tríduo “Très, très, très romantique”, de João Wilson Mendes Melo, “Dois poemas”, de Ruy Espinheira Filho, e a tradução do soneto “Le dormeur du val”, de Rimbaud, por Dorian Gray Caldas.

Ilustrações de Dorian Gray Caldas e Francisco Iran Dantas e fotos de Clóvis Tinoco animam as páginas desta edição.

Atenciosamente,

O Editor

Índice

- 03** *Nísia Floresta: Lendas & mitos*
Nathalie Bernardo da Câmara
- 05** *A metáfora predicativa em Francisco Carvalho*
Hildeberto Barbosa Filho
- 06** *Dois poemas*
Ruy Espinheira Filho
- 07 Entrevista**
O poeta e ensaísta paraense **João de Jesus Paes Loureiro**, que estará em Natal em setembro como convidado da Bienal Nacional do Livro do Rio Grande do Norte, fala com exclusividade ao jornalista Nelson Patriota sobre a sua poesia, impregnada de mitos amazônicos, e sobre a importância dessa mitologia que, só agora, após a publicação de seus livros *Cultura amazônica na poética do imaginário* e *Poesia como encantaria da linguagem*, começa a chamar a atenção dos estudiosos.
- 12** *Hino dionisíaco ao boto*
João de Jesus Paes Loureiro
- 14** *Solares e casarões do Ceará-Mirim*
José Anchieta Cavalcanti
- 15** *A biblioteca de Pedro Vicente Costa Sobrinho*
Lívio Oliveira
- 17** *Fragmentos de um diário secreto*
Nei Leandro de Castro
- 19** *Aquele baú*
Paulo de Macedo
- 21** *Tensão e equilíbrio numa novela de Renard Perez*
Nelson Patriota
- 22** *Très, très, très romantique*
João Wilson de Mendes Melo
- 23** *Correio d'O Galo/ Lançamentos*
- 24** *Um poema de Arthur Rimbaud*
Tradução de Dorian Gray Caldas

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

FERNANDO FREIRE
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

PAULO TARCÍSIO CAVALCANTI
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
LUCIANO FLÁVIO FERRAZ PORPINO
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Colaboraram nesta edição: Nathalie Bernardo da Câmara, Nei Leandro de Castro, Dorian Gray Caldas, Lívio Oliveira, Nelson Patriota, Hildeberto Barbosa Filho, Paulo de Macedo, João Wilson Mendes Melo, José Anchieta Cavalcanti, João de Jesus Paes Loureiro e Ruy Espinheira.

Foto da capa: Clóvis Tinoco.

Ilustrações: Dorian Gray Caldas e Francisco Iran Dantas.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342.

E-mail do editor: nelson@digl.com.br

A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Nísia Floresta: lendas & mitos

Nathalie Bernardo da Câmara

Quase dois séculos depois do seu nascimento, no dia 12 de outubro de 1810, em Papary, no Rio Grande do Norte, Nísia Floresta Brasileira Augusta continua sendo, sob o majestoso pseudônimo que a consagrou, uma das personagens mais importantes da galeria dos grandes vultos brasileiros, apesar de ainda ser uma mera desconhecida para a maioria dos seus compatriotas. Na verdade, destacando-se por sua singularidade em pensar e defender publicamente idéias por demais revolucionárias para a época em que viveu, a humanista Nísia Floresta foi plural. Educadora e escritora, publicou livros e artigos, abordando temas os mais variados: a problemática do índio brasileiro, subjugado pelo colonialismo estrangeiro; a abolição do sistema escravocrata e a instauração do regime republicano no Brasil; a educação da mulher e sua emancipação, entre outros. Assim, perpassando a sua vida e obra, todas essas causas fizeram da sua militância um *leitmotiv*, fosse no Brasil, fosse na Europa, onde ela morou durante vinte e sete anos, falecendo em Bonsecours, na França, em 1885, aos 74 anos de idade.

Infelizmente, discriminada por sua liberdade de pensamento e idéias arrojadas, criticada por adotar métodos de ensino inovadores e polêmicos, assim como pelas várias bandeiras que desfraldou, sobretudo a do feminismo — sendo ela o estandarte primeiro da justa emancipação das mulheres do seu tempo —, Nísia Floresta foi vítima de campanhas difamatórias ao longo da sua vida, boicotes e censuras. Exemplo disso foram os “cortes” que sofreu o livro *A Lágrima de um Caeté*, de sua autoria, publicado em 1849, no Rio de Janeiro. O governo da época, escravocrata e patriarcal, suprimiu passagens do livro, as quais denunciavam a degradação do índio brasileiro, espoliado pelo branco colonizador, além de ser uma



“Quem conhece a vida e a obra de Nísia, brasileira de solo e augusta nos princípios, sabe muito bem que a sua história nada tem de maldição”

homenagem a Nunes Machado (1809-1849), líder da *Revolução Praieira* (1848-1849). O fato, inesperado para Nísia, somou-se a outros tantos constrangimentos públicos e contribuiu para que ela decidisse passar uma temporada na França, longe das pressões e dos desafetos.

Sim, campanhas caluniadoras estavam sendo movidas contra Nísia Floresta. Algumas delas, por ignorância e desconhecimento; outras, por mero preconceito, inclusive, dos seus próprios conterrâneos, como foi o caso da educadora e escritora Isabel Gondim (1839-1933), que, a partir da segunda metade do século XIX, encarregou-se de divulgar boatos, já existentes em Papary, sobre as maldições que associavam ao nome de Nísia Floresta. Na verdade, Isabel Gondim, apesar da soberba e sensível his-

toriadora que foi, não mediu esforços para denegrir publicamente a imagem de Nísia. Por tal postura, moralmente inquisitorial, ela se tornou uma das mais ilustres porta-vozes de campanhas contra Nísia Floresta, exatamente o seu oposto. Portanto, antítese de Nísia, Isabel não hesitou em manipular e difundir as histórias fantásticas que lhe foram contadas, provavelmente quando ainda era apenas uma criança, sobre a mulher “atrevi-da”, que desafiava o *establishment*, em nada lembrando os seus austeros e rígidos princípios puritanos.

Curiosamente, em 1985, um século depois da primeira contestação pública de Isabel Gondim, uma outra conterrânea de Nísia Floresta, a jornalista e escritora Socorro Trindad, afirmou que “Nísia Floresta tornou-se mito por ser maldita”. Sugerindo ainda que Nísia teria sido uma “puta erudita”, Socorro Trindad pecou por cultivar um mito, reforçando todo o estigma votado à Nísia, embora tenha reconhecido que para desvendar um mito “é necessário desvendar a sua maldição”. No entanto, quem conhece a vida e a obra de Nísia Floresta, brasileira de solo e augusta nos princípios, sabe muito bem que a sua história nada tem de maldição. Pelo contrário! No Brasil e alhures, a sua trajetória sempre foi marcada por conflitos, dramas e desafios vários, os quais sempre foram superados pela lucidez que lhe era peculiar, à revelia de todo um preconceito arraigado e dos inúmeros adjetivos à ela atribuídos. “Leviana, mestiça e adúltera”; “indecorosa”; “mulher extraordinária, notável”; “monstro sagrado”; “adorável mito”...

O certo é que, pela sua ousadia intelectual e idéias revolucionárias, realmente um “atrevimento” que desafiava os costumes da época, Nísia Floresta foi por muitos adorada e respeitada; por outros, relegada às brasas de um purgatório que até hoje queimam

e teimam em mantê-la no ostracismo do mundo das letras e nas sombras implacáveis da história. Na cidade em que nasceu, por exemplo, antiga aldeia de Papary, pequenina e provinciana, Nísia ainda é para muitos nada mais que um espectro a vagar pelas ruas do lugar; um vulto, arrastando correntes ou coisa parecida, a se lamentar, seduzindo homens casados ou assustando solitários noctívagos nas noites de lua cheia. Ou seja, um mito, uma personagem lendária, desafiando o tempo e o espaço no imaginário popular.

Acontece que vivemos num mundo onde a informação, apesar de dinamizada virtualmente e pulverizada na tão decantada aldeia global, nem sempre é assimilada como deveria — filtrá-la torna-se ainda mais difícil — por tantas e quantas pequenas aldeias, se falarmos de Brasil, deste imenso e paradoxal país. Assim, se pensarmos no mito enquanto palavra, na definição de Roland Barthes, e se considerarmos a palavra uma mensagem, resta-nos, neste caso, decifrar a mensagem que nos deixou Nísia Floresta, decifrando os seus enigmas, superando os estigmas e dissipando as lendas e as falsas credences que até hoje envolvem a sua vida e obra. Sim, porque todo mito, qualquer que seja ele, evapora e deforma a história. Aliena. Daí a necessidade de desvendar o mito e, inevitavelmente, destruí-lo.

Caso contrário, ou seja, se nós o mantivermos na sua redoma aparentemente inquebrantável, no alto do seu pedestal, o mito continuará alimentando a nossa vida cotidiana, onde nós vagamos entre a palavra e a sua desmitificação. E é aí que nasce, portanto, através de uma explicação e de um entendimento do ser ou objeto mitificado, a oportunidade de nos reconciliarmos com o real: única prenda capaz de promover a ruptura necessária de todos os tabus, mitos e preconceitos, no caso, contra a mulher, os quais, aliás, apenas aniquilam o nosso livre pensar. Foi pensando dessa forma que, já em meados de 1853, Nísia Floresta sabiamente alertou: *"Sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização em nossa terra atentem para os exemplos que a História apresenta do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher esse importante trabalho."*

Nathalie Bernardo da Câmara é jornalista, fotógrafa e escritora, atualmente produzindo um documentário sobre a vida de Nísia Floresta Brasileira Augusta, cujo

Contos, cartas, diários

Maria Lúcia Dal Farra

Há aqui uma mulher desvestida em múltiplos trajes. Há aquela que adora desagradar mas deplora que a originalidade a afaste dos homens. Há esta que, malgrado tudo, não abdica da sua maldição singular. Há também a pantera enjaulada (a bárbara da charneca), cujos uivos morrem asfixiados na voz. E ainda outras mais, com destaque para aquela que cumpre permanentemente o luto, pelo irmão ou por si mesma e, neste caso, apenas por ter nascido.

O fluxo destas prosas (ficcionais e autobiográficas) que, dos contos, atravessa as cartas para derramar-se no diário (derradeiro ato de Florbela) — é a pretendida nudez diante de um espelho, afinal ingrato, pois que a despe ainda em outra e outra, desconsolo fatal para quem, por fim, se buscava uma, muito embora se tivesse encenado em hidra de mil rostos, em face mutável do eterno feminino. Trancada no seu palco (na sua cela de sóror, no desterro em que foi se emparedando, na solidão carcerária à imagem do casulo, da urna, do útero primevo), Florbela exhibe agora, patética-mente, sua tragédia pessoal que (antes) ficara travestida no jogo das personagens de que (então) se investia nas suas produções.

Delta da fusão definitiva da arte e da vida, o diário as amalgama (de tal forma) que acaba por se dar a ler (nas síncopes dos seus pulsantes fragmentos) como uma vibrátil cartografia remissiva e fantasmática de tudo quanto escreveu, expondo o corpo (a caligrafia) de todos os textos. Ondulam-se nele os motivos da sua poética e da sua narrativa: a nostalgia de um mundo aquém da vida, a perscrutação lírica, a confiança na Senhora Dona Morte, o louvor à instabilidade dos sentimentos, a glória de compreensão dos seres inanimados, o desafio à sorte sinistra, a melancolia dolorosa, a espera do Prince Charmant, a defesa do suicídio, a intuição oracular, o panteísmo, a aura saturnina, a revolta do

interdito, o cumprimento da pena de ter nascido, a introspecção impressionista, a visão desencantada, os vasos comunicantes com o universo, o litígio com o social, o sensualismo sedutor, a apreensão do circundante enquanto cambiantes da alma, o monólogo com a solidão, o envolvimento cósmico, o fazer sala no mundo.

O leitor encontra aqui os contos "Carta da Herdade", "À margem dum soneto", "O regresso do filho", "O aviador", "Os mortos não voltam", "O resto é perfume", "O inventor" e "O sobrenatural": aqueles dedicados ao feminino, à província alentejana e à morte (onde o fantástico faz a sua aparição na prosa de Florbela). Catorze peças da sua correspondência familiar buscam dar a conhecer ao leitor a relação epistolar de Florbela com o pai, a

madrasta, o irmão, o namorado, os maridos, os cunhados. Dezoito outras peças indicam o seu contato com o mundo intelectual português de então, dentre as quais se ressaltam as interlocuções com Américo Durão e com Raul Proença.

A publicação do diário que, intermitentemente, Florbela escreve durante 1930, se faz no contexto de todas as outras missivas por ela endereçadas neste último ano da sua existência, a fim de que essas confissões possam ser compreendidas também à luz dos mais triviais acontecimentos correntes. Assim, convivem, ao lado de deambulações pungentes sobre a sua vida (inscrites tanto no diário quanto nas vinte e quatro cartas a Guido Battelli — o futuro editor das suas obras póstumas), um postal em francês ao seu médico, bilhetes de envio de coisas usadas à família do seu afilhado, cartas brincalhonas em "alentejanês" para o seu amigo de infância, notícias sobre a sua obra ao amigo jornalista, e a carta à amiga que virá para celebrar o seu aniversário... e o seu funeral. Tudo em afinado desconcerto.

Maria Lúcia Dal Farra, paulista, é poetisa e crítica literária.



Obra da portuguesa Florbela Espanca ganha nova edição, compreendendo poesia, contos e cartas

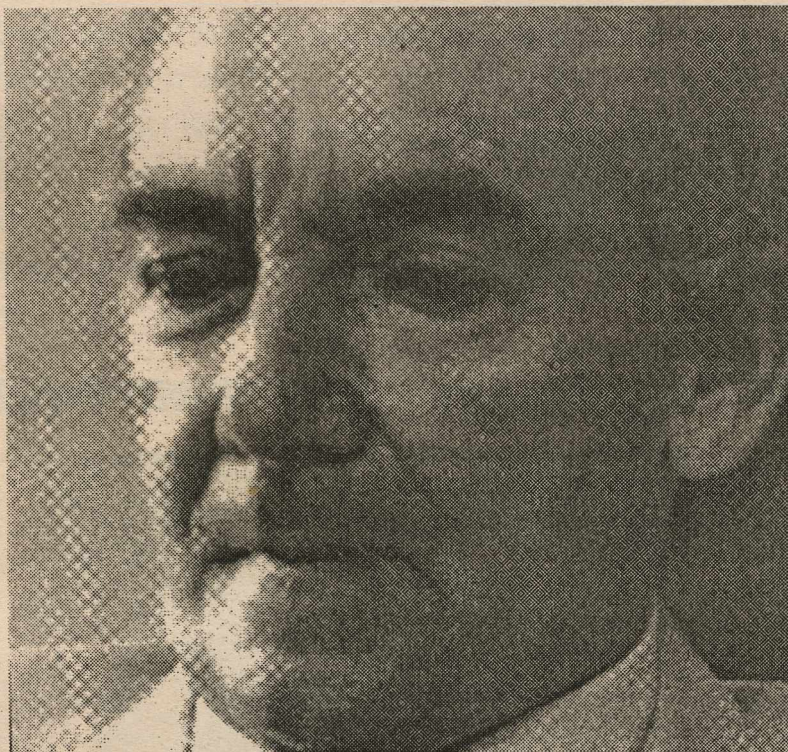
A metáfora predicativa em Francisco Carvalho

Hildeberto Barbosa Filho

Nova coletânea de poemas de Francisco Carvalho, publicada pela Universidade do Ceará, em 2002, *O Silêncio é uma Figura Geométrica* retoma e amplia, por um lado, certos recursos retóricos e estilísticos, e por outro, alguns motivos temáticos que vêm se cristalizando ao longo de uma vasta obra poética. Constitui, portanto, uma espécie de epítome, isto é, uma síntese de sua poesia, como bem observa o Prof. Luiz Tavares Júnior, em estudo introdutório.

Para tatear a pele de motivações como o tempo, o amor, a morte, o silêncio e a linguagem, entre outras que permeiam a sua lírica, o poeta cearense, sem descuidar de estratégias discursivas diferentes, procura realçar, conforma já sinaliza o próprio título do livro, a chamada metáfora de teor predicativo, ou seja, aquela que põe em relação semântica um comparante e um comparado a partir do elo sintético de um verbo de ligação. O modelo básico se formaliza, de logo, numa retórica de conceituação que visa, em função da subjetiva visão poética, apalpar os aspectos intangíveis e insondáveis da realidade, elaborando, assim, não somente um alargamento perspectivo do real, mas sobretudo a criação estética de uma supra-realidade moldada na tessitura da linguagem.

Os motivos são como que explorados, em suas camadas significativas, por intermédio de uma sintaxe de caráter expansivo que vai moldando, dentro evidentemente da cadência do verso, a cartografia das imagens, responsável, ao fim, pela expressão figurativa dos motivos abordados. As funções referencial, emotiva e lúdica dos procedimentos lingüísticos interagem sob a presidência aglutinadora da função poética, o que faz da dicção de Francisco Carvalho, neste e em tantos outros momentos, uma caleidoscópica geografia de ima-



"A metáfora predicativa constitui-se, em Francisco Carvalho, num método de análise e de compreensão do real"

gens oníricas e visionárias a materializam uma verdadeira "poética do devaneio", como diria Gaston Bachelard.

O paradigma do título (*O Silêncio é uma Figura Geométrica*), na sua arquitetura oracional, catalisa uma espécie de idéia ou de imagem primeira, germinal, irradiadora, da qual emerge, vezes por um processo de enumeração caótica, a ciranda das imagens outras que perfazem o corpo dos poemas. Vejamos um exemplo na página 46, tendo "Deus" como núcleo temático: *Deus é algo incandescente/ sou cria do espantalho/ esse fauno de palha./ Deus é o centro de todas/ as simetrias do universo/ e de suas abóbadas./ Deus é o que trespassa/ o corpo e seus labirintos./ O vértice do átomo./ Deus é o átomo./ O princípio de todas/ as velocidades da alma.*

O verbo de ligação pode vir explícito ou em zeugma na típica relação predicativa, mas pode também apresentar-se no âmbito de uma predicação verbal, com estruturas transitivas ou intransitivas, o que nos parece uma variação característica do pa-

drão originário. Assim, podemos deparar expansões como estas, na página 58: "(...) A pedra é um hipopótamo/ de lodo que flutua nas águas do rio. (...) A pedra e a placenta/ de um bólido do tempo do apocalipse/ quilha e âncora das naus e utopias de Ulisses"; ou então variáveis desse tipo, com motivação metalingüística, no poema "Hóspede do tempo": *O poeta é um exilado dentro de si mesmo. (...) O poeta sai do corpo e entra na concha da alma./ Sabe que não precisa estar o tempo todo/ bolinando as coxas da metafísica.*

Ora, tal técnica de construção literária agencia, de maneira visível, a componente fanopéica da linguagem, a par, contudo, de um paralelo processo logopéico, correlacionando perfeitamente idéia e imagem enquanto traço

seminal de uma forma poética. Em Francisco Carvalho a imagem serve à idéia e a idéia se expande em imagem. Tudo, ainda, no espaço de uma pontuação melódica e rítmica que faz do poema uma caixa acústica, um artefato essencialmente lúdico, imagético e conceitual.

Não é comum encontrarmos expressão poética com esse rigoroso equilíbrio e com essa rara singularidade. Se a fonte discursiva está naquele tipo de metáfora, a cujo tronco se apegam os paralelismos sintáticos, as anáforas, as aliterações, as rimas funcionais, enfim, todos os torneios figurativos, o resultado substancial, a idéia nova, o conteúdo conceitual, enfim, a forma estética, autônoma e acabada, tende a abrir o campo da percepção, a estimular propriedades da fantasia e a elastecer os limites do conhecimento.

Com isso, queremos dizer que a metáfora predicativa, em suas variadas modulações, transcende, na poesia de Francisco Carvalho, as fronteiras do ludismo, constituindo-se, na verdade, em um método de

leitura, de análise, de interpretação e de descoberta do real, não o real como ele é ou parecer, mas efetivamente o real como poderia ser. Do real possível. Do real verossímil, recriado no movimento estético da linguagem.

Lendo-se a poesia do autor de *Barca dos Sentidos* (1989), vive-se a estranha (estranha, de estranhamento) experiência de uma renovação da sensibilidade e da imaginação. O amor, a morte, a poesia, o

tempo, a fauna, a flora, Deus, enfim, todas as possibilidades temáticas são convocadas pelo apelo da percepção poética e re-inseridas no plano da consciência cognitiva sob a regência de um olhar epifânico que, para referirmos Ezra Pound em *ABC da Literatura*, faz do poema "linguagem carregada de significados até o máximo grau possível".

A metáfora predica-tiva, em *O Silêncio é uma Figura Geométrica*, evidencia a dialética nuclear da poesia de Francisco Carvalho, traduzida no intercâmbio permanente de Eros e Tânatos. Este manifesto nas inelutáveis tonalidades do tempo, na metafísica do perecimento das coisas e dos seres e na presença irremovível das imagens da morte enquanto vetores recorrentes de uma visão poética; aquele, por sua vez, erigido em flama vital e em energia celebratória das experiências humanas

que promovem a busca da palavra enquanto atitude poética por excelência.

O elemento formal se une, portanto, aos ingredientes semânticos num processo de correspondência lógica, numa inter-relação estética, numa configuração isomórfica que responde pela coesão e coerência que, ostentadas, em seus múltiplos predicados, desde *Cristal da Memória* (1955) até *A Concha e o Rumor* (2000), restabelece, aqui, o quanto súplica de um ofício que é muito mais entrega e devoção, poeticamente amadurecido e esteticamente plenificado.

Hildeberto Barbosa Filho, paraibano, é poeta e crítico.

Dois poemas de Ruy Espinheira Filho

Canção matinal

a Ricardo Vieira Lima

Acorda bem cedo o homem
da casa de telha-vã
e abre janela e porta
como se abrisse a manhã.

E eis que a vida não é mais
nem triste, nem só, nem vã.
É doce: cheira a goiaba
e brilha como romã

orvalhada. E ele caminha,
o homem, com passos de lã
para em nada perturbar
a quietude da manhã.

Já não há mágoas de perdas
nem angústias de amanhã,
pois a alma que há na calma
entre a goiaba e a romã

é a própria alma do homem
da casa de telha-vã,
que declara a noite morta
e acende em si a manhã.

Essa mulher

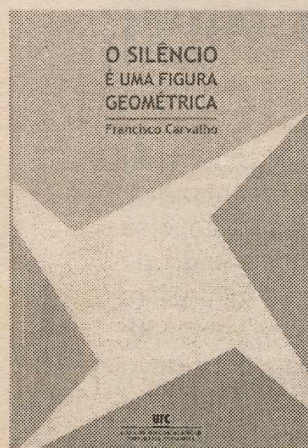
A que nunca amei e me ama pensa em mim à noite
antes de dormir, e nos escombros do sono
vê o meu rosto suave, arrogante, de há muitos anos
e sente uma mão fria empunhar-lhe o coração.

É bela a que nunca amei e me ama, cada vez mais bela
com seus cabelos soltos ao sopro da memória,
com uma voz onde sonham luas que jamais iluminaram
um caminho que me levasse à que nunca amei e me ama.

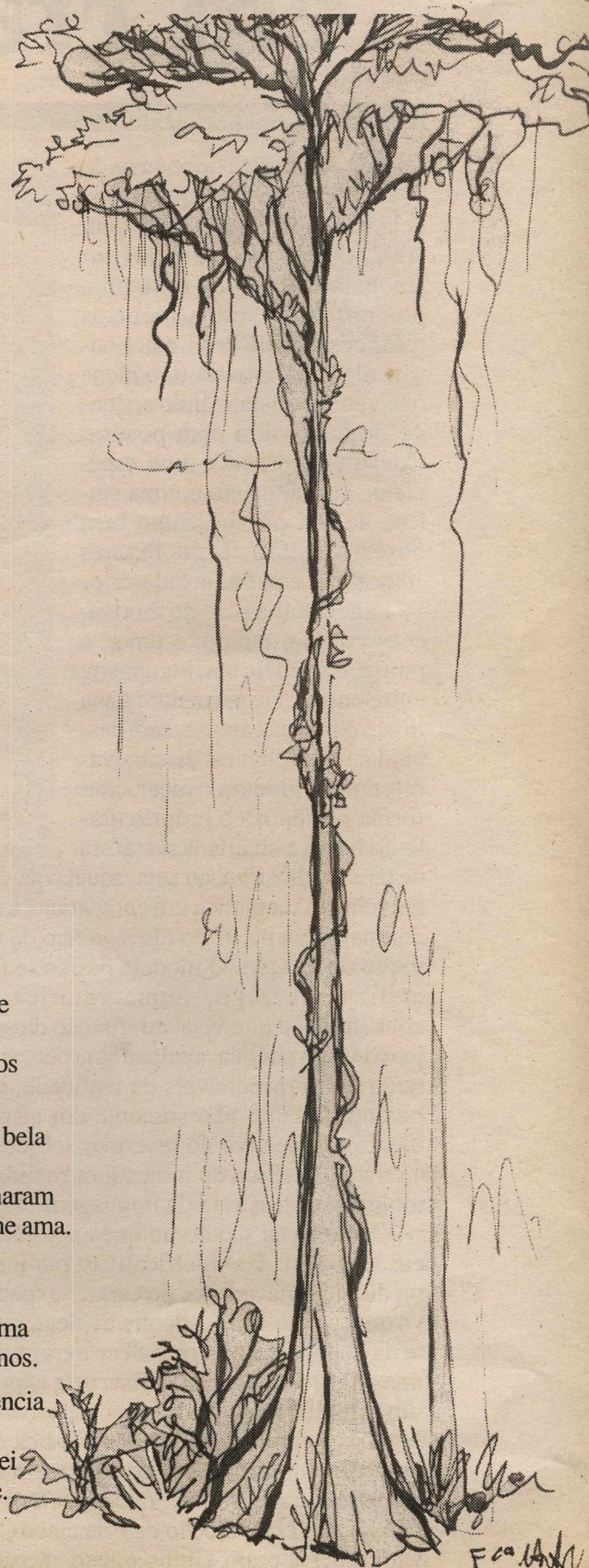
É doce essa mulher que acorda e diz o meu nome
com unção. Seus olhos me fitam do longínquo
e doem em mim como dói nessa mulher que me ama
amar quem nunca a amou, disperso em seus enganos.

A que nunca amei e me ama acaricia a minha ausência
com pena de mim, que teria sido feliz, bem sabe,
se a tivesse amado; a ela, que me ama e nunca amei
e nunca hei de amar, como até hoje, amargamente.

Ruy Espinheira Filho, baiano, é poeta.



A metáfora predica-tiva, em *O Silêncio é uma Figura Geométrica*, evidencia a dialética nuclear da poesia de Francisco Carvalho, traduzida no intercâmbio permanente de Eros e Tânatos.



João de Jesus Paes Loureiro

João de Jesus Paes Loureiro é paraense de Abaetetuba, pequena cidade localizada às margens do Baixo Tocantins, nas cercanias de Belém, “uma cidade encantada que tem embaixo de seu cais, no coral que fica na beira do rio em frente à cidade, uma cobra grande que, no dia que for morta, desencantará a cidade verdadeira que está no fundo do rio”. Autor de uma vasta obra poética e ensaística, onde se destacam livros como *Cantares amazônicos*, *Cultura amazônica na poética do imaginário* e *Poesia como encantaria da linguagem*, é um dos nomes convidados para a I Bienal Nacional do Livro do Rio Grande do Norte, que acontecerá no Campus

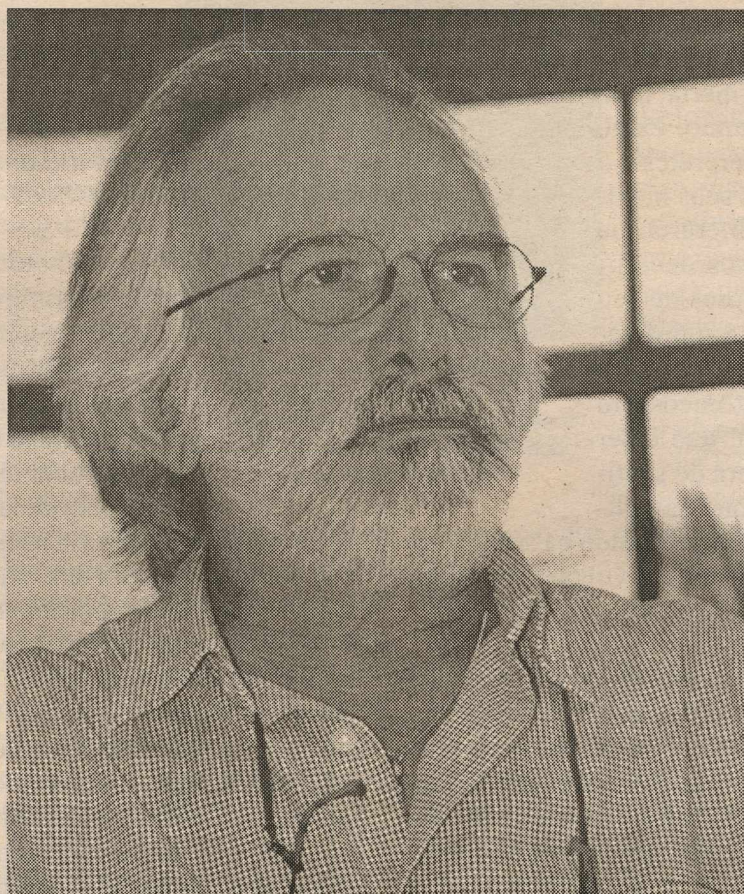
Universitário da UFRN no período de 9 a 14 de setembro. Em entrevista a O GALO, que concedeu quando atividades acadêmicas o trouxeram a Natal, em maio passado, ele fala um pouco da sua vivência com a poesia, nascida do irresistível fascínio produzido pela selva amazônica, que ele denomina de “encantaria”, dos seus mitos e do seu significado.

Nelson Patriota

O Galo – Como foi sua trajetória até à poesia?

João de Jesus Paes Loureiro – Cheguei à poesia de forma muito espontânea, ainda morando no interior. Por volta dos onze, doze anos, no grupo escolar, eu rabisava os primeiros poemas e lembro que foi na idade entre doze e quatorze anos que tive meu primeiro poema publicado em uma revista infantil de circulação nacional, a revista *Estrela*, que mantinha um concurso temático relacionado ao Dia das Mães. Aquele que vencesse o concurso teria o poema publicado na revista. Eu mesmo lá de Abaetetuba mandei pelo correio. Fui classificado e o poema foi publicado. Então eu diria que minha relação com a poesia foi uma coisa extremamente espontânea, que cresceu comigo. Pode ser que alguma circunstância em Abaetetuba tenha colaborado para isso. Por exemplo: havia o hábito de certas tertúlias literárias em que minha mãe declamava poemas; havia um tio, tio Eduardo Loureiro, que era

um grande violonista e além de tocar muito bem violão também fazia alguns poemas e nessas tertúlias, que eram nos clubes da cidade, ele declamava seus poemas. Na minha casa sempre teve uma pequena biblioteca e sempre teve algum livro de poesia e meu pai, antes de nós dormirmos, numa cidade como aquela ainda muito menor do que hoje, onde a luz elétrica era muito precária e muito cedo já estávamos à luz do candeeiro, meu pai reunia



“Havia uma antologia em minha casa que eu reputo da maior importância para meu despertar para uma série de interesses literários, era uma coleção chamada *Tesouros da Juventude*”

os filhos depois do jantar e lia para nós, até dormirmos. Lia capítulos de romances ou poemas e dava preferência a poemas que pudessem ter uma certa história, um certo enredo como por exemplo *Navio Negreiro*, de Castro Alves, *Juca-Pirama*, de Gonçalves Dias.

O Galo – Levando em conta sua tenra idade, nessa época, esses poetas vieram a ter uma efetiva influência na sua poesia?

J.J.P.L. – Sem dúvida, tiveram um influência grande, até. A gente não pode separar muito essas coisas, mas eu diria que Castro Alves deu aquele toque da visão social, impregnada de lirismo e Gonçalves Dias, a questão da terra, do mito, das palavras, sobretudo a musicalidade das palavras. Posso lhe dizer, só por uma questão de acréscimo, que eu despertei para a questão do mito que impregna muito a minha poesia, para essa relação com o mito amazônico e grego, seja como paralelismo, seja como assimilações dessas mitolo-

gias, ora como imagens, ora como metáforas, ora como temas. Eu despertei para isso lendo *A Ilíada* de Homero e *Os Lusíadas* de Luís de Camões, àquela época. Não integralmente, lendo capítulos em revistas, poesias, ou em antologias. Havia uma antologia em minha casa que eu reputo da maior importância para meu despertar para uma série de interesses literários, era uma coleção chamada *Tesouros da Juventude*. Essa coleção tinha tre-

chos dos *Lusíadas*, trechos da *Ilíada* e de outros poemas. Isso me entusiasmava, e foi espontaneamente que percebi a motivação da mitologia para a poesia, que me fez mergulhar na mitologia amazônica em busca de uma totalidade poética.

O Galo – A mitologia grega então foi para você a porta de entrada para a mitologia amazônica?

J.J.P.L. – Literariamente. Porque como vivência, como falei há pouco, eu nasci numa cidade de interior, ribeirinha, impregnada dessas histórias míticas como uma forma de verdade. Abaetetuba é considerada, na tradição lendária do Pará, uma cidade encantada que tem embaixo de seu cais, no coral que fica na beira do rio em frente à cidade, uma cobra grande que, no dia que for morta, desencantará a cidade verdadeira que está no fundo do rio. Quero dizer para você o seguinte: a minha cultura pessoal, a minha formação pessoal, a emoção e uma certa psicologia relacionada com esse tipo de ambiente do interior do Pará, tudo isso foi enriquecido espontaneamente por eu ter convivido com uma cultura ribeirinha onde o mito é uma forma de verdade.

O Galo – Você acredita que os mitos amazônicos, tão importantes para a sua obra, tenham potencial para se universalizar, como ocorreu com os mitos gregos?

J.J.P.L. – Sem dúvida. Os mitos gregos são universalizados graças a seus intérpretes. Na verdade, todo mito é uma metáfora originária, uma síntese de uma compreensão do mundo, exige seus divulgadores, explicadores, intérpretes e a cultura grega teve nos filósofos, nos seus historiadores, posteriormente na teoria literária, na estética, na psicanálise maravilhosos decodificadores de seu sentido e divulgadores de seu significado, ou criadores de sentidos e significados através dessas interpretações tão ricos. Então eu diria o seguinte: os mitos amazônicos têm toda a condição que todo mito tem, que é ser uma realidade originária e originadora de sentidos. Agora, precisa ter intérpretes que se apliquem com seriedade, com dedicação, acreditando na sua grandeza e que possam propagar e universalizar e divulgar esse mundo de significados que eles representam para cultura

O Galo – Você acha que eles têm uma riqueza e diversidade tão complexa quanto qualquer outra mitologia?

J.J.P.L. – Acho que sim. Talvez você possa não encontrar uma grande quantidade de mitos, porque muitos se perderam e muitos não têm aquela força tensa do mito propriamente dito. Mas há famílias míticas muito intensas na origem da cultura amazônica, que é indígena e cabocla, as quais oferecem um repertório imenso. Muitos deles, aliás, têm sido trabalhados mais pela antropologia, cuja preocupação é a fidelidade ao texto do narrador, ou seja, o caráter literário dessa mitologia, que na Grécia veio traduzida por excelentes registradores. No nosso caso, temos a forma espontânea, direta do relato caboclo, etnográfico e que puxa mais para uma autenticidade da linguagem, muitas vezes obscurecendo o mito. Vou lhe dar um exemplo de um mito, um dos casos que eu analiso em minha tese, que é o mito do tambatajá, mito do amor universal. É um mito conhecido: o índio de uma tribo inimiga da tribo da sua bem amada vem a casar com

ela e por isso os dois têm que fugir. Estavam permanentemente juntos: na caça, na pesca, em toda parte, nas caminhadas. Um dia, ela engravida e quando tem o filho na beira do rio, ele nasce morto e ela percebe que não pode mais andar. A partir daí, o índio a leva para toda parte, nas costas ou nos ombros. Um dia ela morre e ele a enterra. Mas pouco depois, não suportando a solidão, ele morre também e é enterrado no mesmo local de sua bem-amada. Nasce então na sepultura uma planta, que, pela semelhança de sua folha com o sexo da mulher, e o talo nascido desta folha dupla, de forma fálica, ser semelhante ao sexo masculino, recebe o nome de tambatajá. Trata-se de uma flor hermafrodita que sintetiza macho e fêmea no amor eternamente renascido na natureza, ou seja, um amor humano que se transforma em natureza para se tornar eterno pelo renascimento.

O Galo – Tem uma canção de Waldemar Henrique com o nome dessa planta, não é?

J.J.P.L. – Tem. Waldemar Henrique é um compositor paraense que fez canções muito bonitos, inclusive *Tambatajá*, que é uma canção que fala de amor de uma maneira muito bonita. E isso só reforça o caráter desse mito nosso, de extraordinária universalidade em sua beleza. Talvez nenhuma das grandes histórias de amor que têm servido como símbolo do amor universal, do amor eterno, tenham uma beleza assim tão grande no seu desfecho e na sua tragédia.

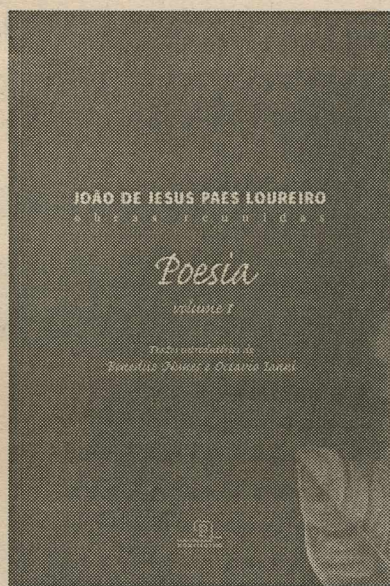
O Galo – Você poderia dar outro exemplo de um mito amazônico com esse mesmo potencial simbólico?

J.J.P.L. – Claro. A lenda do boto, por exemplo. O boto é um mito transgressor, com um traço psicológico muito interessante e bem universal. De acordo com a lenda, o boto é um golfinho que se transforma em um rapaz e na forma humana tem um relacionamento amoroso com uma mulher e daí nasce um filho. O filho do boto tem um papel tão importante que altera as relações de moralidade familiar e social à sua volta. Há

uma tolerância, há uma aceitação dele por parte das pessoas; há um sentido superior em torno desta questão que talvez leve a essa forma de comportamento. O filho do boto é o produto de uma híbris, uma violentação da natureza, filho de uma divindade, isto é, do boto que habita as encantarias, – que é o Olimpo submerso no rio –, e de uma pessoa humana, uma mulher. O filho do boto traz uma natureza dupla: aquática e humana. Se você vai à Grécia Antiga, você vê que o herói grego tem esse perfil antropológico. É filho de uma divindade com uma pessoa humana. Se você vai a Cristo, ele tem o mesmo traço antropológico, natureza humana e divina. Então veja que há um traço que vem desde a Grécia antiga e que chega até o filho do boto. Um arquétipo.

O GALO – Mas só agora essa riqueza antropológica dos mitos amazônicos está sendo conhecida. Por que razão?

J.J.P.L. – É que esses mitos estão restritos, muitos vezes, a pequenas comunidades. E como eu tenho trabalhado esses mitos de uma forma metodológica e conceitualmente intensa, com o mesmo referencial teórico que se usa para interpretar qualquer mito, de qualquer civilização, de qualquer outra cultura, estou conseguindo tirá-los do anonimato. Acredito na sua riqueza, na



'Obras Reunidas de João de Jesus Paes Loureiro', que saem com o selo da Editora Escrituras, abrem com 'Poesia' e estudos de Benedito Nunes e Octavio Ianni

sua densidade. E por isso eu abri uma forma de compreensão do mito que respeita neles essa significação universal e essa equivalência de sentidos que você apontou com o mito grego, com o mito indiano, com os mitos vedas, ou seja, com os mitos universais.

O Galo – Você encontrou muitos paralelismos entre esses mitos? Trata-se da mesma voz que através dos mitos transmitem verdades muito antigas, arquetípicas, de tempos imemoriais? O mito amazônico também guarda esse elemento?

J.J.P.L. – Eu tenho trabalhado com esses mitos mais pela dimensão estética que eles apresentam. Nossos mitos são de uma plasticidade muito grande, de um sentido poético excepcional e é por esse ângulo que eu tenho me aplicado e me dedicado a eles. Um ou outro tem sido objeto de estudo mais aprofundado no sentido de demonstrar a riqueza de significação que eles tem. Penso que o mito amazônico tem sido estudado pela antropologia, pela etnologia de um modo mais documental e de certa maneira simples, mais como um exemplo de cultura do que propriamente como matriz de um conhecimento sobre essa cultura, como os folcloristas fazem, em uma dimensão muito limitadora do mito como exemplo particular, local, regional de uma expressão inculta, espontânea. Por isso, acho que os mitos amazônicos ficaram por muito tempo no limbo. Hoje, já se tem o caso da Universidade do Pará, por exemplo, realizando estudos em nível de mestrado e doutoramento, onde o mito é encarado de uma forma não-local, em caráter universal. Creio que há mesmo a utilização de um referencial teórico apropriado a uma compreensão valorativa desse mito. Acredito que um ponto de partida para isso foi minha dissertação de doutoramento na Sorbonne, *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*, defendida em 1994. A mudança que este trabalho apresenta e a mudança que imagino que minha poesia tenha suscitado, é que eu não tenho procurado entender e decifrar a Amazônia a partir da aplicação de conceitos universais advindos da antropologia, da sociologia, da semiologia, não! Eu tenho feito o contrário, minha idéia é através de conceitos da cultura amazônica, através da mitologia amazônica compreender o mundo. É um movimento de saída, não é uma atitude de confinamento da significação dentro de um regionalismo científico ou de abordagem, eu penso que na cultura amazônica, sobretudo por sua mitologia há conceitos, há possibilidade de você compreender o mundo, não apenas compreender descritivamente a região.

O GALO – Você poderia exemplificar para nós esse conceito?

J.J.P.L. – Vou lhe dar exemplo de duas situações: há um conceito que apresento em minha tese, o conceito de conversão semiótica, que seria o momento de uma mudança de significado de um fato cultural ou artístico, pelo deslocamento da sua função dominante. Dois exemplos: o boto no conto mítico e a procissão fluvial de Oriximiná, no Baixo Amazonas, um no campo da estética, o outro no da religiosidade. O boto enquanto ser encantado é um animal, um peixe, um golfinho. Quando se transforma em um rapaz, assume outra posição antropológica e passa a ter uma

outra dominante de sua expressão, deixa de ser um encantado e passa a ser um ser humano. Há portanto uma conversão de significado, uma conversão semiótica em sua estrutura. Há um rito fluvial e terrestre em Oriximiná, uma cidade paraense no Rio Trombetas, Baixo Amazonas, que se passa da seguinte maneira: a primeira parte da procissão é fluvial, com muitas luzes boiando no rio, com muita decoração, muita iluminação nos barcos e, por ser feito durante a noite, há uma beleza muito grande naquilo. A população toda desce para assistir a primeira parte da procissão como quem vai admirar a um espetáculo; os comentários, os cânticos, a admiração, o olhar, tudo é de quem vai admirar um espetáculo, não existe reza nem nada nessa hora. Quando a procissão fluvial encosta no cais e desembarca para as ruas, imediatamente formam-se as alas, o padre puxa o terço, as alas religiosas se incorporam simetricamente, a procissão segue uma rotina de toda procissão em qualquer rua, em qualquer lugar. Então, no meu entender, há uma conversão do signo estético, que foi o primeiro caso para o signo mágico-religioso, que

foi o segundo. Há uma mudança na qualidade de expressão signica, quando sai do rio para a terra. Se você vir por exemplo uma urna marajoara na tribo, ela tem uma função prática, utilitária, serve para enterrar os mortos. Esta mesma urna, transportada para um museu, serve para a pura e gratuita admiração estética de sua beleza formal. Aí ocorre também uma conversão semiótica na medida em que, da função prática anterior ela se converte em função estética na segunda etapa do deslocamento. É um conceito que, para mim, surgiu da observação de fatos da cultura amazônica, mas é um conceito que se pode aplicar universalmente. Essa noção de poesia como encantaria da linguagem é um conceito de poética que nasce da observação da cultura amazônica de fatos da cultura amazônica.

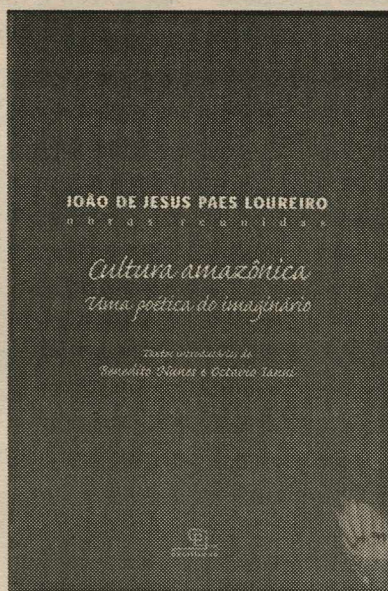
O Galo – O conceito de encantaria também foi elaborado por você?

J.J.P.L. – Não. A encantaria é um conceito existente na cultura amazônica. É o Olimpo submerso dos rios da Amazônia, é o lugar onde moram os deuses, os encantados. O boto, a mãe d'água, a mãe de vento, a boiúna etc.

O Galo – Você aproveitou então essa idéia para dar a ela uma dimensão estética?

J.J.P.L. – A idéia de que a linguagem é um rio é uma idéia que eu levei para a estética. Levando em conta que pela tradição, pela tópica que vem desde a Grécia Antiga, compara-se o rio com uma linguagem, o poeta deve navegar em alto-mar ou pelo rio afora quando faz o poema, iça as velas etc. Por paralelismo conceitual, assim como a encantaria poetiza o rio porque lhe dá um significado imaginário e mítico, de pura beleza gratuita, mas que está subjacente ao rio e na forma por exemplo da boiúna, ele vem à superfície do rio para deslizar aos olhos das pessoas, mas a encantaria é aquela magia submersa ao rio, que faz parte daquela linguagem e aparece quando alguém narra o mito, quando alguém testemunha.

O Galo – É um conceito, portanto, essencial para explicar a riqueza mítica da Amazônia...



O ensaio "Cultura amazônica - uma poética do imaginário" dá sequência às 'Obras reunidas de João de Jesus Paes Loureiro' pela Editora Escrituras

J.J.P.L. — Essencial. É a riqueza mítica submersa ao rio que alimenta o imaginário. A linguagem é tida como um rio também, mas no fundo da linguagem padrão você tem a linguagem poética, que aflora no nível da linguagem padrão pelo toque poético do poeta ao fazer o poema. Então o poeta estaria submerso na linguagem padrão, assim como a encantaria estaria submersa no rio padrão.

O Galo – Como animador cultural, você tem algum projeto de intercâmbio que aproxime a Amazônia ao Nordeste ou a alguma outra região do país?

J.J.P.L. — Há uma previsão no Instituto de Arte do Pará (IAP) de um relacionamento neste nível. Esse Instituto foi criado há três anos por mim a pedido do governador. A finalidade dele é criar processos de aperfeiçoamento para os artistas, modernização das artes no Estado e ao mesmo tempo estimular que as fontes simbólicas da cultura paraense e da história da Amazônia sirvam de motivação e enriquecimento original para essa produção contemporânea. Temos vários processos, vários métodos de estimular essa forma de trabalho com os artistas. São cursos, oficinas, bolsas de pesquisa e criação, bolsas que permitem o trabalho individual de pesquisa do artista, prêmios literários para o campo da literatura, o conto, o romance, a poesia, a literatura infantil; trabalhos conjuntos com artistas de outras regiões, etc. Nesse processo de implantação do IAP, temos aproveitado pessoas que desenvolvem experiências relevantes, nesse ou naquele lugar, para que desenvolvam com nossos artistas uma metodologia, para que exemplifiquem aquela forma de trabalho ou estabeleçam uma criatividade ou uma criação conjunta.

O Galo – E quando vai ocorrer o inverso, isto é, levar o IAP para outros lugares? A sua presença aqui sinaliza de algum modo o início de um possível intercâmbio?

J.J.P.L. — Eu estive fazendo contato com o Núcleo de Arte Contemporânea da UFRN, que tem projetos excelentes. Já levamos daqui a dança em cadeira-de-rodas, que é um excelente trabalho com artistas portadores de necessidades especiais. Esse é um trabalho genuinamente artístico, um trabalho rigoroso do ponto de vista da atividade artística. Temos um intercâmbio com o Instituto de Arte da UNICAMP, com o Instituto Goethe, da Alemanha, de onde já vieram coreógrafos, pintores para desenvolver trabalhos lá no instituto. Estamos iniciando com Portugal um processo de intercâmbio mais efetivo, inclusive agora mesmo está sendo lançada em Portugal uma revista, muito bem concebida, muito bem programada que tem sua parte substancial com autores do Pará, no plano do romance, da teoria, da reflexão teórica, da poesia, etc.

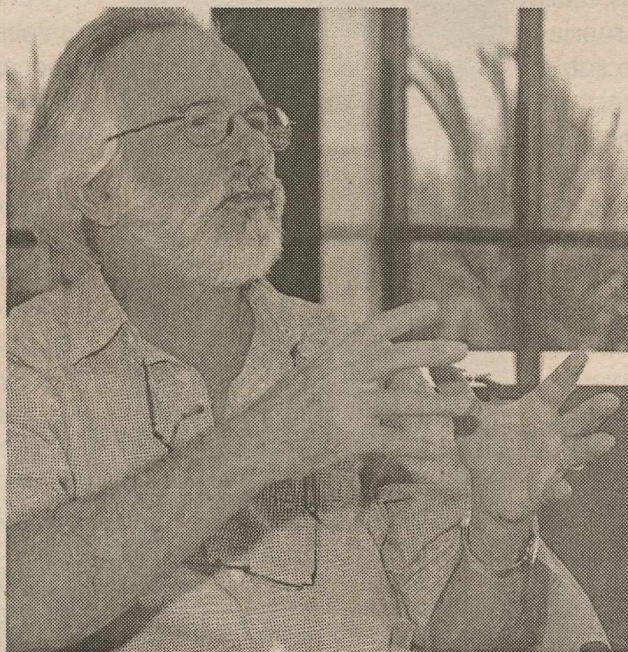
O Galo – Você poderia citar alguns desses nomes que fazem a literatura do Pará?

J.J.P.L. — Temos no campo do romance o Vicente Cessi, o Benedito Monteiro que continua no seu trabalho regular, temos o

Max Martins na poesia, poeta que tem uma obra toda completa, de uma geração bem anterior a minha, temos o Benedito Nunes com um trabalho de ensaios, tem a Jacinta Camarão, no campo da poesia também, tem o Salomão Laredo, no romance e conto, com alguma incursão pela poesia, temos o grupo “A malta dos poetas”, grupo de poetas jovens com uma poesia oralizada, levada em espetáculos nas escolas, enfim, citando apenas as pessoas que devem estar incluídas nesta antologia em Portugal. Eu mesmo devo estar indo agora no final deste mês a Portugal para poder efetivar uma série de contatos. Mas o importante é que, como o IAC é um projeto em implantação, ele prevê isso que você indagou, a saída de artistas de lá para trabalhos em outras realidades, mas isso está dentro de um processo de implantação.

O Galo – Você fez contatos com poetas aqui em Natal?

Jesus — Nessa chegada, não. Na Feira do Livro da UFRN, em 2000, tivemos contatos, entrevistas, essa convivência que feiras de livros e bienais permitem. É um contato e uma convivência muito rica também em conhecimento. Espero poder aprofundá-lo durante a Bienal de setembro.



“(...) mas eu acredito que o livro, da forma que o conhecemos, continua e continuará sendo um suporte essencial para a literatura”

O Galo – Seu conhecimento sobre a literatura norte-rio-grandense está então ainda em um momento muito inicial. Quando você pretende fazer um contato mais estreito, inclusive em função do instituto?

J.J.P.L. — Pretendo fazer isso, pessoalmente, agora na Bienal. Fui convidado e haverá um tempo maior do que agora e há uma natural concentração de escritores, sobretudo, já que agora as bienais estão abrindo espaços para outras atividades artísticas. Será então uma grande oportunidade.

O Galo – Vamos falar um pouco sobre poesia, sobre a poesia brasileira que se faz hoje. O que lhe chama a atenção atualmente, nesse campo?

Jesus — Hoje nossa poesia está entrando em um ciclo bem curioso, bem diferente, a partir da consolidação da Internet como forma de comunicação. Você tem uma circulação de poesias pela Internet impressionante, com autores que estão se lançando, com um tipo de poesia propícia para a forma de divulgação que esse suporte permite, então ela está abrindo um campo bem rico e interessante para o surgimento de poetas e tudo mais. Mas eu vejo o movimento editorial da poesia brasileira muito parado, muito lento. Eu acho que mesmo nas livrarias quando se vai às estantes de poesia, dificilmente tem o destaque que deveriam ter. Eu acho que há uma necessidade de um reimpulso nessas questões. Houve uma retomada, um ultrapassamento daquele período que o concretismo definiu, estamos vivendo um pós-concretismo.

O Galo – Hoje os poetas parecem ter mais liberdade, porque parece que não há um movimento dominante. Como você vê essa questão?

J.J.P.L. — A vanguarda há muito que está sem força, a época da vanguarda já passou como um certo tipo de inquietação. Mas o que eu acho é que isso que chamam de pós-modernidade tam-

bém está impregnando a poesia com essa indistinção de tempo, de espaço etc. Hoje você pode fazer a poesia incorporando elementos trovadorescos, concretistas, românticos, enfim hoje você tem na poesia como em todas as artes essa abertura para várias modalidades de expressão. Acho que essa é a expressão do nosso tempo agora. E a poesia começa também a se deslocar mais efetivamente mesmo do livro para o disco, para a internet, para os CDs.

O Galo – Quer dizer então que o livro como suporte da poesia não é mais essencial?

J.J.P.L. – Único, não, mas continua sendo essencial. Nelly Novaes Coelho, por sinal, tem um excelente texto e deu um seminário lá no instituto de arte sobre essa questão que é “a literatura e os multi-meios”, isto é, a literatura em busca de novos meios, de uma diversidade de meios para poder se exprimir e a poesia é a que mais está lucrando com isso. Verdade que você tem livros cibernéticos agora, onde a prosa tem uma penetração muito grande. Mas eu acredito que o livro da forma que conhecemos continua e continuará sendo um suporte essencial para a literatura. Tenho medo da trivialização dos sentidos na medida que esses meios que requerem velocidade, que não requerem tanta concentração e que requerem mais uma habilidade e um jogo, passem a dominar muito. Essa tendência para o jogo é uma tendência absorvente nesta era de computação. O próprio livro cibernético é um jogo, é um game, uma espécie de videogame literário, onde você vai buscando, compondo, recompondo. Gera uma superficialização dos sentidos, fica-se apenas na imagem. Há um português, chamado Pedro Barbosa, da Universidade do Porto, que trabalha com essas questões. Foi colaborador de Abraham Moles durante muito tempo e eu tenho dele dois livros, hipertextos. Ele virá dar um seminário para nossos escritores em Belém sobre essa questão: a literatura do hipertexto. É uma questão que já não dá para se ignorar. É aí que se vê como se trabalha com isso; tem que se discutir, tem que se abrir os horizontes. É mais um instrumento que aparece para utilização do escritor. Mais um instrumento e, como tal, um enriquecimento para a possibilidade de expressão.

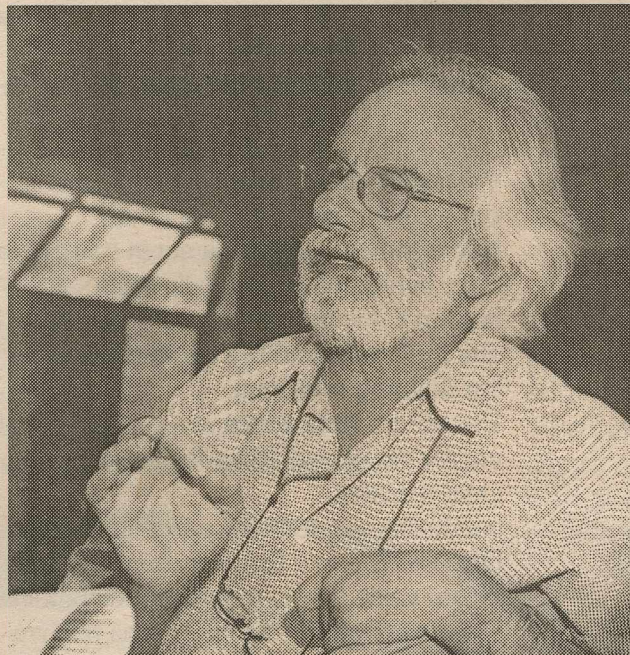
O Galo – Parece que a Internet também cria complicações na área do direito autoral. Você concorda?

J.J.P.L. – Ah! claro. São questões muito complexas. Mas nesse caso a culpa não é da Internet. Todas as questões relacionadas a direitos autorais são complexas (risos), principalmente no Brasil.

O Galo – Mas no exterior os direitos autorais parecem ser mais respeitados, não?

J.J.P.L. – É verdade. Eu tenho um livro traduzido e publicado por uma editora alemã. O nome é *Cantares Amazônicos*. Trata-se de uma antologia poética. No intervalo de seis em seis meses eu recebo um relatório de vendas e, se tem direitos autorais a

pagar, eles mandam um cheque em euro. Tem ainda um detalhe: duas ou três vezes que poemas meus surgiram no catálogo de uma exposição ou em duas outras antologias alemães, a editora foi em cima cobrar os direitos autorais, meus e da tradutora. A área dos direitos autorais é uma muito bem controlada por lá. Na França, também. Acabei de fazer um texto que foi traduzido para o francês. É uma narrativa em prosa, que foi pedida por uma editora de Paris, a Actes du Sud. Ela queria uma narrativa de viagem com liberdade total de construção de concepção, cujo propósito é compor uma série de cinco livros do mesmo tamanho, relacionados com o mesmo tema de viagem, e constando de trabalhos de escritores de seis países: Canadá, Estados Unidos, França, algum país do Caribe, Inglaterra e Brasil. Mande o texto, recebi a tradução, a versão em francês, trouxe comigo para dar uma lida e poder aprovar e eles pagaram um adiantamento de direitos autorais, no ato da assinatura do contrato. Aquilo que ultrapassar essa quantia depois, em venda ou qualquer coisa é remetido o valor para sua conta, esteja você onde estiver. Essa área é também bem fiscalizada na França.



“Hoje nossa poesia está entrando em um ciclo bem curioso, bem diferente, a partir da consolidação da Internet como forma de comunicação”

O Galo – Quais são seus planos para a bienal que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte está organizando para setembro deste ano?

J.J.P.L. – Por ora, recebi um convite para participar, sem definir ainda o que iria fazer. E adianto que aceitei o convite formulado pelo meu amigo Pedro Vicente, que está organizando a Bienal. Devo trazer um livro que foi reeditado pela Universidade do Pará, *Elementos de estética*, um ensaio sobre filosofia da arte, que escrevi quando estava mais diretamente lecionando estética. Nesso livro, busco integrar conceitos e métodos e classificações da história da arte e da estética, para uso de professores e alunos, e também de pessoas interessadas nesse tema. Nesta terceira edição ampliei os capítulos finais sobre estética semiológica e estética sociológica e acrescentei cinco

apêndices que são alguns estudos meus sobre poesia, cultura, a poética do imaginário, a poesia como encantaria da linguagem. São cinco pequenos ensaios que apresentei e pretendo trazer para lançar e trazer também o livro de poesia lançado em São Paulo, no início do ano pela editora escrituras, que vem editando meus livros nos últimos anos.

O Galo – Você está com algum novo livro?

J.J.P.L. – Tenho, sim. Meu novo livro é intitulado *Do coração e suas amarras*. Trata-se, na verdade, de um único poema, um poema de amor essencialmente moderno, ainda que seja escrito em decassílabos, porque os versos são escritos numa linguagem bem atual, terminando sempre por um refrão que faz alusão, que tem ressonância com o tema trovadoresco do ‘morrer de amar’. Vou trazer esses dois livros – *Do coração e suas amarras* e *Elementos de estética* – para lançamento na Bienal da UFRN, e quero ver se desenvolvo com o grupo que me trouxe aqui – o Grupo de Estudos da Complexidade –, um recital de poesias seguido de debates.

Hino Dionisiáco ao Boto

João de Jesus Paes Loureiro

“Nenhuma coisa existe onde a palavra falta.”
Stefan Georg

“É no celebrar tua glória que nós, os poetas, iniciamos e findamos a sucessão de nossos cantos.”
Homero

1

É o boto que celebro.
O Boto de roupas brancas filho das águas e do luar.
Ele que um dia surgiu tal resplendor de um sol
no diadema da noite.
Luz no fundo túnel do desejo.
O rio cedeu espumas para que a lua
em seu tear tecesse a sua vestimenta.
Alvura, brancura, claridade.
Oh! Boto,
encantamento soprado em duas sílabas.
Esse nome despontou um dia
por sobre os promontórios da linguagem,
na crispção dos fonemas
atormentados em busca de sentido.
(Quem saberá dos peraus
onde renasce
o verbo inicial em cada nome?)

Estava o nome ali vestido de vogais
arcado de consoantes.
Duas sílabas querendo decidir o mundo
e dividir a vida em dois
quem ama, quem não ama...
A palavra brotando como canto
no vale de um silêncio,
ou como o botão de flor de um ai! numa garganta,
ou como a brusca insurreição de um coral de
primaveras.



Passageiro desta barca da linguagem
devo guiar o nome que me guia.
Não é somente alguém a quem transporto
entre barrancos de som e de sentido.
A mim é que transporto no transporte
que na forma conduz a quem transporto
em sílabas que cantam.
Um ser em festa de ser,
um ser nas altas colinas do desejo.
Qual o destino
conduziu esse nome ao porto do poema?
Qual o mistério o fez ficar de pé no tombadilho
de um verso heróico espumando contra as ondas?
Que pode um verso quando uma palavra
o cavalga, escoiceia, flamba e ruma
sem buscar outra rima além de um leito,
sem cardar outro linho que o pentelho
que se enrança na racha que é seu reino?

Oh! Monarca de menarcas,
grão-senhor do rio dos encantados,
comandante investido no poema.
Tu que és sempre um salto
no abismo da paixão do ser,
será um deus
ou modelagem humana de um desejo?
Tu que aos homens te assemelhas
para ser dessemelhante dentre os homens.
Deflagrador de tempestades de contrários,
solitário imperador de impérios
cultivados na várzea do poema.
Conduzindo-me conduzo na poesia
esse teu ser escravo da linguagem que é teu reino.
Em tempo mitomorfo navegando
ergo as velas verbais da alegoria
no desfraldar bandeiras e metáforas
diante do prodígio de vocábulos

que saem do dicionário
transbordados de som e de sentido,
entre espumantes vinhos são levados
aos lábios de cantares e dos hinos,
como rimas e louros consagrados
a coroar a fronte de uma estrofe.
Se eram palavras comuns, tornam-se raras;
já não querem dizer, querem cantar;
mas além de cantar, querem dançar;
e, muito além de dançar,
elas se querem ser outras palavras
que não sejam somente o que elas são
ora ser e não-ser
vital e luz
ungidas nesse próximo distante
das catedrais verbais do imaginário.

Eu te saúdo nome-falus
como encantado que és
e te celebro
nesse cantar que te mantém cativo
do mesmo encantamento que cultivas.
Tu que meu canto acorda em leito de morfemas
e te ergue pelas mãos de um verso heróico,
desde a pátria de hexâmetros de Homero
até as encantarias deste poema...

2

Oh! Tu
que levas aos mortais
o leve salto no abismo da paixão humana.
A ti eu canto!
Tu que vens e vais, voltas não-voltas,
feito esse adeus que um deus paralisou na forma de
uma lua.
Tu que arrastas a noite como um manto imenso
tal como o sol arrasta o infinito,
tal como a vela arrasta o lençol dos oceanos.
A ti eu canto!
cavaleiro do vale entreaberto em coxas no
horizonte de algum ventre,
personagem das mil e uma noites
das várzeas, dos peraus, dos igapós...
Tu que amas as danças e a vertigem
dessa orgia de ser.
Herói de tróias de tábuas e maqueiras,
glorioso filho das encantarias.
Tu que és aquele escolhido pelos hinos
coroados de limo, mururés
e antiquíssimas cicatrizes da coroa de louros.
Pura aparência de imortal essência.
Olhares te procuram,
as cunhãs te seguem com o desejo físgado em teu
anzol
sob o silêncio cúmplice de águas e florestas.

Eu te saúdo
rio andante e sexuado
luz das noites
ardor ardendo no leito da cunhã

que espera desde sempre tua chegada
e, para sempre, se parte em tua partida...
Te espera antes da chuva e após a chuva,
lambida de suor ela te espera
espera pelas mãos do novenário
e noite-a-dentro espera dias-a-fora
envolta em solidão espera e espera
pelas frestas abertas de um desejo espera
nas insônias insaciadas
na timidez espera
na embriaguez do devaneio espera
por teu ser de longa espera e breve instante.
Eu te consagro aqui
grande esperado,
que a eterna espera faz teu ser eterno.
Oh! Filho de Dionísio, neto de Selene.
Errante cavaleiro do sagrado
instalado em palavra que te instala
como tronco submerso em rio de encantarias.
Vocabulo lançado na essência da linguagem
como um dado,
como carta de um baralho e seus arcanos.
No vale do desejo e do poema
palavra pertencida que pertence,
edificado templo articulado
de sentido e som, violino e arco.
Revelação por si mesma revelada,
a tua essência
é luz no vitral das aparências,
pura aparência que se faz essência
para ser.
Amor que vem à luz numa palavra inscrita no
destino,
teu ser irrompe no nome como um jorro

tronco
da funda encantaria da linguagem.

Eu te saúdo
crista de sol raiando no horizonte
dessa noite carnal das que te amam,
palavra-ser, palavra que é, palavra corpo-e-alma
palavra erotizada que te funda
já que em teu nome és isso que és.
E se a linguagem não se faz poema

teu nome nascituro, morituro nome
resta inerte, imóvel, inútil numa dúvida.

3

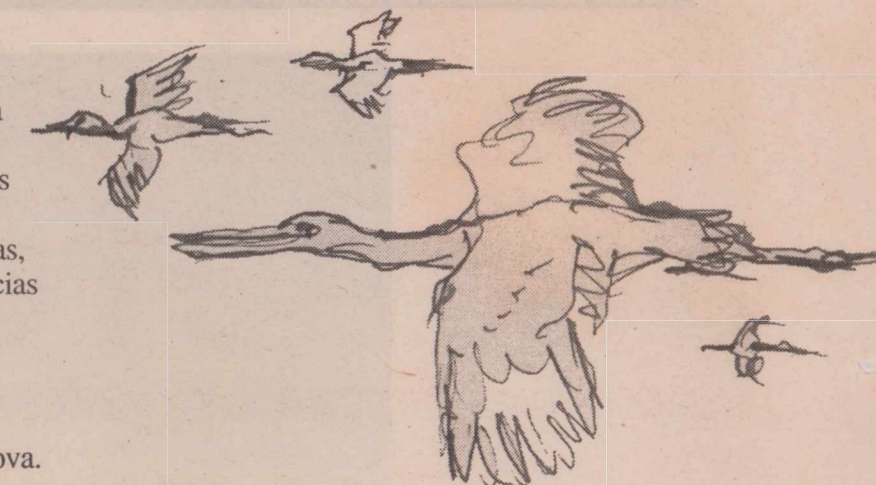
Oh! tu, ora instalado na palavra
entre nós habitando no poema,
morador que também é sua morada
onde tudo o que é se faz em sendo.
Oh! tu, que de poesia a terra habitas
seja exilado nas ilhas de um poema
ou nas areias sem fim de maiandeuas,
esse teu ser de silêncios e de ausências
é na palavra que instaura tua vida.
Tu vives na palavra de uma espera
ou na palavra da ausência
e na presença
de rosnares de orgasmos numa alcova.

Oh! palavra em festa na linguagem,
essência de alegria, gozo, canto,
existência do ser sendo prazer.
Teu reino não se nutre de conquistas
nem ouros
nem tesouros.
Teu reino é o dos fonemas
onde habitas e danças
rejubilas
e morres sem morrer
pois ressuscitas
cada vez que um relato te relata
ou que suspira em sílabas de espera

a cunhã que na rede te soeitra.
Entrelaçado efêmero no eterno.
Divindade recolhida na palavra.
Palavra-templo que te abriga e de onde
errante sacerdote de Dionísio
vagas na margem dos rios e do desejo
polinizado nos lábios que te chamam.

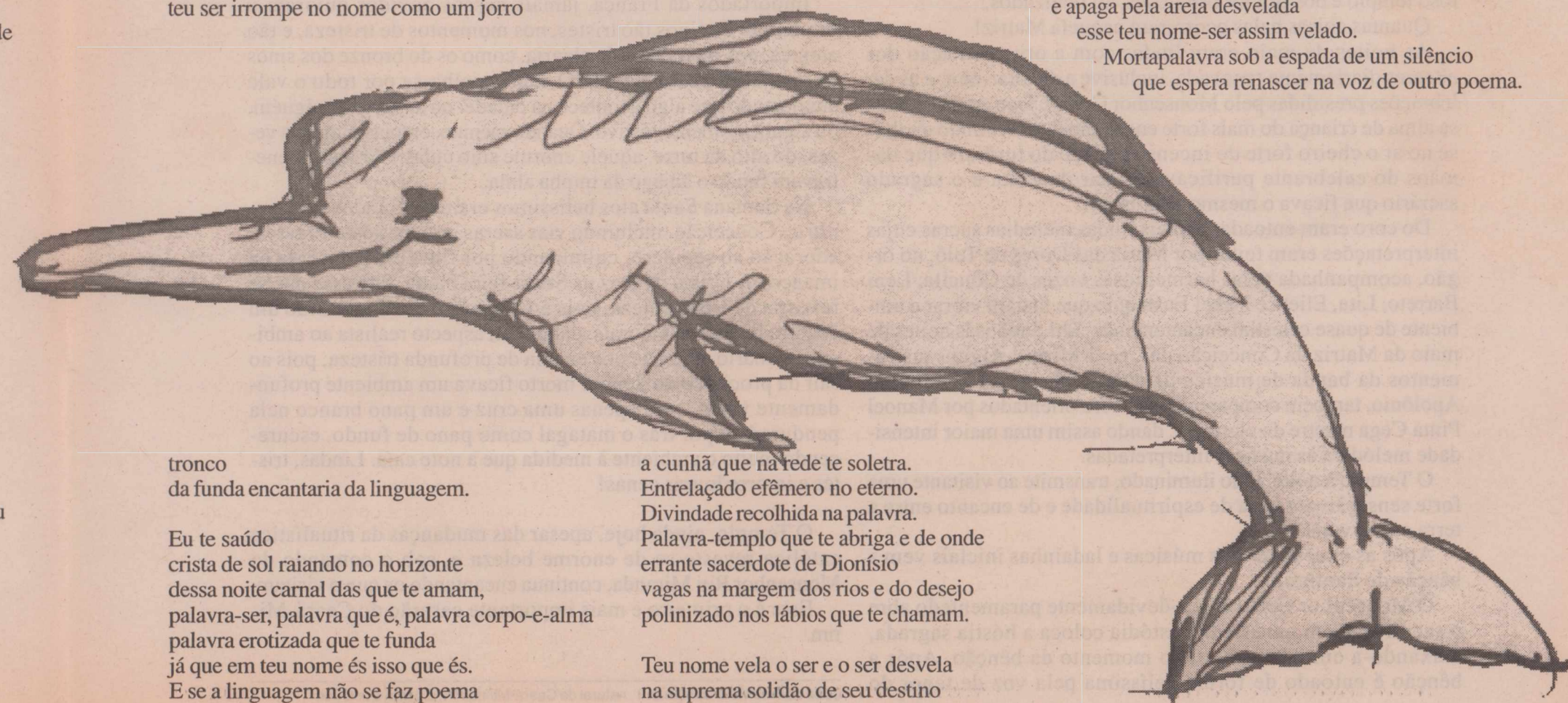
Teu nome vela o ser e o ser desvela
na suprema solidão de seu destino

e brota como um peixe à flor das águas
desse rio de desejo submerso
na fêmea que te sonha ou que te fala.
Em sílabas teu ser se faz eterno
enquanto és o desejo de um desejo,



a espera de uma espera de uma espera.
Tu és pelo que és e o que não és.
Teu leito já não é praia ou canoa,
mas a página onde a lua espelho espelha
na encantaria da linguagem que é a poesia.

E deixas de existir
agora que o poema se recolhe
feito maré jusante
descobrimo
a praia de uma página tão alva,
e apaga pela areia desvelada
esse teu nome-ser assim velado.
Mortapalavra sob a espada de um silêncio
que espera renascer na voz de outro poema.



Solares e Casarões do Ceará-Mirim

José de Anchieta Cavalcanti



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Ceará-Mirim.
(Foto: arquivo do autor).

1º Casarão: O TEMPLO

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Ceará-Mirim, é sem dúvida alguma, a mais bonita do Estado.

Da minha infância guardo belas recordações daquele majestoso templo e dos ofícios religiosos, ali realizados.

Quantas coisas belas ocorreram naquela Matriz!

As noites de maio eram lindas com a ornamentação dos altares diariamente renovada, inclusive a do altar-mor, e as celebrações presididas pelo Monsenhor Celso Cicco enchiam nossa alma de criança do mais forte encantamento, sentindo evolvar-se no ar o cheiro forte do incenso partido do turíbulo que nas mãos do celebrante purificava o altar da santa e o sagrado sacrário que ficava o mesmo altar maior.

Do coro eram entoadas as mais lindas melodias sacras cujas interpretações eram feitas por Maria das Dores de Toió, no órgão, acompanhada pelas harmoniosas vozes de Concita, Leni Barreto, Lita, Eliete e Isabel Eustáquio que faziam vibrar o ambiente de quase celestial encantamento. Ah! Saudosas noites de maio da Matriz da Conceição de Ceará-Mirim! Alguns instrumentos da banda de música da cidade dirigida por Manoel Apolônio, também compareciam ao coro orientados por Manoel Pinta Cega mestre do clarinete, dando assim uma maior intensidade melódica às músicas interpretadas.

O Templo à noite, todo iluminado, transmite ao visitante uma forte sensação cósmica de espiritualidade e de encanto entre a terra e o nirvana.

Após as execuções das músicas e ladainhas iniciais vem a bênção do Santíssimo.

O Monsenhor Celso Cicco devidamente paramentado abre o sacrário, e em uma linda custódia coloca a hóstia sagrada, deixando-a em adoração até o momento da bênção. Após a bênção é entoado de forma belíssima pela voz de tenor do

Monsenhor, em Latim, o **Tantum ergo**. Que momento belo! A emoção do menino é exacerbada, e, em muitas ocasiões lágrimas vieram aos olhos, revelando a emoção da alma infantil diante da grandiosidade do ato de espiritualidade realizado naquele Templo!

E os sino da Igreja de Ceará-Mirim?

Importados da França, jamais nossos ouvidos ouviram o bimbalar de sinos tão tristes, nos momentos de tristeza, e tão alegres, nos momentos de alegria, como os do bronze dos sinos da Igreja de Ceará-Mirim. O som espalha-se por todo o vale anunciando que algo acontece na cidade: ou a morte de alguém, ou algum momento festivo. Quando menino, empurrei muitas vezes, do alto da torre, aquele enorme sino cujas vibrações penetravam fundo o âmago da minha alma.

Na Semana Santa atos belíssimos eram celebrados no Templo da Conceição, incluindo vias sacras, procissão do fogaréu, adoração ao sepulcro, culminando por fim com a descida da imagem de Cristo da cruz na Sexta-feira Santa, fato esse que se revestia de triste beleza, pois no altar-mor era construído um cenário de palhas naturais, dando um aspecto realista ao ambiente, cenário esse que nos enchia de profunda tristeza, pois ao sair da procissão do Senhor morto ficava um ambiente profundamente vazio, com apenas uma cruz e um pano branco nela pendurado e por trás o matagal como pano de fundo, escurecendo muito o ambiente à medida que a noite caía. Lindas, tristes e imorredouras cenas!

O Templo, ainda hoje, apesar das mudanças da ritualística católica reveste-se de enorme beleza e, sob o comando do Monsenhor Rui Miranda, continua encantando os que o visitam.

Este é o primeiro e mais importante casarão do Ceará-Mirim.



Pedro Vicente Costa Sobrinho: "O bibliófilo Edson Nery da Fonseca costuma dizer que foi derrotado por sua biblioteca. É essa a sensação que experimento todos os dias."

Bibliotecas vivas do Rio Grande do Norte (VI)

A biblioteca de Pedro Vicente

Lívio Alves A. de Oliveira

Os livros como objetos físicos não perecerão para serem substituídos por sinais eletrônicos lidos em luminosas telas que cabem na palma da mão. Tampouco desaparecerão as livrarias. Mas doravante passarão a coexistir com um vasto catálogo multilíngüe de textos digitalizados, compilados de uma profusão de fontes, talvez 'etiquetados' para uma fácil referência e distribuídos eletronicamente.

(Jason Epstein, in O Negócio do Livro)

Sou dos que pensam que para ingressar em uma biblioteca há de se ter apetite.

O apetite do livro é essencial para que se obtenha desse objeto de prazer o máximo que ele pode dar. Das suas cores, da sua visão, do seu toque, dos seus ensinamentos, do sabor enfim.

A biblioteca de Pedro Vicente Costa Sobrinho, sociólogo, é dessas que nos fornecem essa acentuada fome, esse saliente apetite, logo que nela entramos. E, dentre os vários motivos para isso, também o coincidente fato de que as primeiras estantes

que visualizamos no apartamento da Candelária são justamente relativas a culinária e bebidas (principalmente vinhos).

Basta – para a demonstração cabal de seu interesse pelo tema a que aderiu na sua passagem pelo Norte do país – dizer que Pedro Vicente já chegou a colecionar cardápios de restaurantes, no seu périplo de *gourmet* e estudioso de comidas e bebidas do Brasil e do mundo.

O paladar, portanto, se aguça logo no início de nossa conversa, em companhia do poeta Volonté.

Pedro lembra, ao exhibir as salas que contêm sua biblioteca, que o homem, o indivíduo, tende a sucumbir frente ao acervo de livros que forma, quando esse obtém uma dimensão acentuada: "O bibliófilo Edson Nery da Fonseca costuma dizer que foi derrotado por sua biblioteca. É essa a sensação que experimento todos os dias."

É, certamente, uma derrota com sabor de vitória, frente ao que se vê na importante biblioteca em que adentramos.

Nas estantes que se seguem às de culinária, encontram-se inúmeras obras de referência, diversos dicionários, dentre tais o *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*, de Francisco de Assis Carvalho Franco, na sua primeira edição de 1953.

O *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, em primeira edição esgotada de 1984, hoje já reeditada pela Fundação Ge-

túlio Vargas, é, também, obra de importância, assim como a edição bilíngüe – português-inglês – da *Bibliographia Brasiliana*, de Rubens Borba de Moraes, editada em Los Angeles, no ano de 1983.

A *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, de H. Baldus, em primeira edição de 1954, é descrita por Pedro como sendo a primeira obra de importância a fazer citações e referenciar Câmara Cascudo como um dos grandes pesquisadores brasileiros nessa área.

O *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas*, em seis volumes escritos por M. Pio Corrêa, é obra que considera da maior relevância e que deveria ser mais consultada no Brasil e no mundo.

Nesse ambiente de mais de seis mil livros, pode-se ver com destaque uma edição das *Fábulas de La Fontaine*, de 1886, traduzida pelo Barão de Paranapiacaba, em dois volumes dedicados a Pedro II.

Outra curiosidade que logo nos enche os olhos é a primeira edição de *Deserdados*, romance sobre os seringais da Amazônia, na primeira edição de 1922, e que se constitui como obra de grande importância quando se trata daquela região do país.

O *Mestre e a Margarida*, de Mikhail Bulgákov, russo, é uma histórica crítica ao estalinismo, interessantemente editada nestas plagas, nos anos setenta, por Aluísio Alves.

A propósito, o entrevistado lembra que através dos textos de Antônio Carlos Villaça passou a ter maior interesse por pesquisar a vida de um relevante companheiro de Aluísio Alves na velha UDN: Carlos Lacerda. “Retomo e reavalio a sua importância. Passei a admirá-lo como homem da política, das letras e, até, das artes plásticas, uma vez que é pintor de importância reconhecida por alguns críticos nacionais.”

Pedro Vicente também é grande apreciador de poesia, possuindo quase toda a coleção da editora Aguillar e da Nova Aguillar, bem como o que de melhor se produziu no Rio Grande do Norte, na Paraíba e em Pernambuco, no que respeita a essa seara. Acerca disso, faz questão de lembrar nomes de alguns poetas pernambucanos que aprecia, eximindo-se de tratar de nomes potiguaros, onde

as amizades estão mais próximas e mais atentas. Cita: Marcus Accioly, Jaci Bezerra Lima e Alberto Cunha Melo.

Dos poetas brasileiros, considera que são dois os grandes estilistas: Augusto dos Anjos e João Cabral de Melo Neto.

Não considera Pedro que sua biblioteca seja caracteristicamente temática. Antes, considera-a eclética, de sabores diversos, certamente, porém, bem escolhidos: “Há uma eleição permanente na minha biblioteca. Busco o fundamental das áreas que me interessam. Tenho aqui os autores e livros que considero essenciais. E considero essenciais Proust e Balzac. Joyce, Flaubert, Stendhal, Eugenio Montale não me podem faltar. Não posso renunciar ao que há de mais significativo em Cascudo, Darcy Ribeiro (obra romanesca e sociológica), e no grande Gilberto Freyre.”

Aliás, de Gilberto Freyre, dentre as diversas obras que possui na biblioteca, Pedro me exhibe, orgulhoso, uma edição comemorativa dos oitenta anos do mestre de Apipucos da sua obra-prima *Casa Grande e Senzala*, com dedicatória para Oscar Mendes, importante crítico literário.

De Florestan Fernandes, outro “essencial”, a biblioteca comporta quase toda a obra.

A biblioteca é, de fato, eclética, possu-

indo outras diversas seções, tais como de Política, Antropologia, Sociologia, e tendo inclusive uma história curiosa que comporta diversas fases atravessadas por Pedro Vicente e de que vale a pena tecer ligeiro relato.

A biblioteca atual já comportou vastas seções de cinema e de literatura, ambas doadas a entidades do Acre, onde viveu e deixou uma grande parte do acervo.

A verdade é que a atual biblioteca de Pedro está em sua sexta etapa, a se contar do momento em que possuiu o seu primeiro acervo de livros herdados do primo macauense João Vicente Costa, onde existiam exemplares importantes da literatura brasileira, principalmente poesia romântica e parnasiana, constituindo-se, na época e para a cidade de Macau, numa “assombrosa” coleção de perto de quatrocentos livros.

Os quadrinhos também ajudaram na formação da biblioteca e foram numerosos. Pedro juntava dinheiro na sua adolescência para comprar revistas em quadrinhos de toda espécie.

Quando seu pai se mudou para a cidade de Ribeirão – Pernambuco, na zona canavieira daquele Estado, não havia condição para a compra de livros. Passou, então, a solicitar livros por reembolso postal, vendendo-os também a pessoas da cidade e passando a formar uma biblioteca com os livros ofertados pela editora

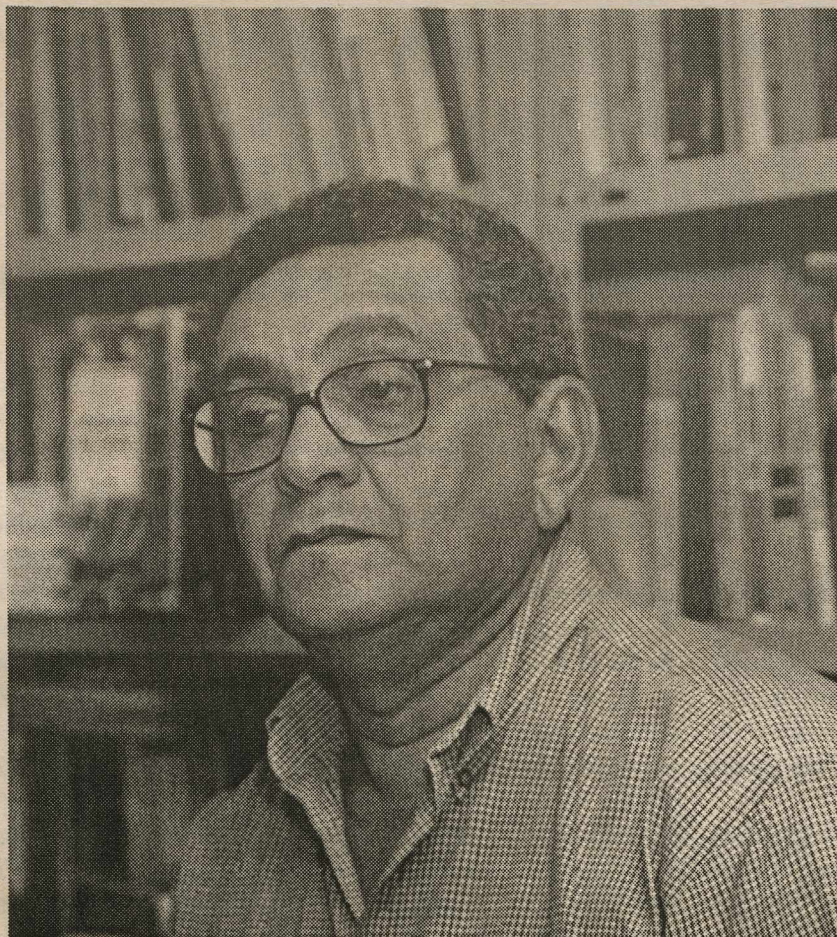
Ediouro pelos livros vendidos. Quando partiu para Jaboatão já possuía aproximadamente oitocentos livros.

Em Jaboatão assomou aos livros os cartazes de cinema que comprava aos projetores de filmes.

A teoria e a prática políticas passaram a lhe impressionar à época: “Comprei muitos livros marxistas da Editora Vitória. Veio o golpe de 1964 e meu pai, cioso de minha segurança, com medo da repressão, tendo eu fugido para o Rio Grande do Norte, queimou, indistintamente, todos os meus livros. Aí findou minha primeira biblioteca.” Diz, sem aparência de grandes pesares.

“Passei a recompô-la.” Prossegue, com a ciência de ter conseguido resgatar boa parte do acervo perdido, no depósito da *Civilização Brasileira*.

Em 1967 viaja a Moscou, onde fará um curso de cunho



“Há uma eleição permanente na minha biblioteca. Busco o fundamental das áreas que me interessam. Tenho aqui os autores e livros que considero essenciais. E considero essenciais Proust e Balzac.”

marxista. Sua biblioteca fica com a mãe de sua ex-esposa. Parte dos livros desaparece.

Retorna Pedro Vicente a Natal em 1969 para trabalhar na Imprensa Oficial até o ano de 1978, ano em que parte para o Acre, onde dirige o SESC/SENAC, tendo de se desfazer de grande parte do acervo: "No Acre, a minha biblioteca cresceu muito, face à melhor situação econômica em que me achava e também pelo espaço que eu tinha em casa. A minha biblioteca era maior que a atual. Lá também montei a livraria *Casarão*, onde foi a residência de um governador."

Em 1983 vai para a PUC-SP e doa parte da biblioteca a um colégio acriano.

"No Acre formei uma boa 'Amazônica'. Foi lá que passei a me interessar intelectualmente por comida." Demonstra a sua predileção, mostrando-me *A Culinária Acriana*, pesquisa mimeografada que transformará em livro até o fim de 2002, quando passará a ter o título *Culinária da Amazônia Ocidental*.

Ao retornar do mestrado em São Paulo, no ano de 1985, trouxe inúmeros livros ali adquiridos.

Em 1992 começa a transferência da biblioteca acriana para Natal, o que trouxe estorvos diversos, constituindo-se em verdadeira epopéia. A biblioteca ficou durante oito meses em um depósito, mal cuidada, em piso úmido. Quando conseguiu fazer com que os livros viessem – para o que contou com a importante ajuda do amigo Homero Costa, que vivia no Acre – todos aqueles que se encontravam nas caixas de baixo estavam emprestáveis.

Algumas perdas do "acidente" do Acre foram demasiadamente sentidas, tal como o livro *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*, editora Perspectiva. "Tenho saudades e não consigo mais reencontrar."

Enquanto dou uma última olhada na *História Geral da Civilização Brasileira*, em doze volumes organizados por Sérgio Buarque de Holanda, avisa-me o visitado que a sua biblioteca, apesar dos percalços, continua crescendo, principalmente nos temas relativos a culinária e vinhos, além de poesia do Rio Grande do Norte. Para isto, se socorre das livrarias e sebos ("Abimael é um sebista qualificado e Jácio Torres tem um acervo mais variado.") daqui e de outras partes. "A minha biblioteca só pára de crescer quando eu compro vinhos. É o que diz minha mulher."

De fato, naquela biblioteca não devem faltar bons motivos para se erguer um brinde!

Lívio Oliveira, natalense, é poeta.

Fragmentos de um diário secreto

Nei Leandro de Castro



Vista geral do populoso bairro de Alfama, em Lisboa, com seu casario antigo

Lisboa, 1968

O inverno em Lisboa é muito chuvoso. Moro numa ruazinha de nome lírico, Azinhaga da Torrinha, e todos os dias, mal protegido por um guarda-chuva barato, atravesso poças de lama, até chegar à Universidade de Lisboa. Descubro que azinhaga, nome comum em Portugal mas pouco conhecido no Brasil, quer dizer "caminho estreito, fora da povoação". No pequeno quarto da azinhaga, sofro de solidão e frio. Às vezes me acho a pessoa mais triste e solitária do mundo.

É difícil fazer amizades na Faculdade de Letras, mas já posso contar com um grande amigo: Ernesto Manuel de Melo e Castro, poeta de vanguarda, engenheiro, comunista numa época em que ser de esquerda em Portugal é um grande risco de vida. Ainda no Brasil, o poema/processo me aproximou de Melo e Castro. Em Lisboa, firmamos uma sólida amizade nas conversas de bar que entravam pelas madrugadas frias, nas viagens pelos arredores de Lisboa, nas demonstrações de solidariedade com que ele, generosíssimo, me brindava. Através dele, conheci intelectuais que a minha memória afetiva registrará para sempre: Ana Hatherley, António Aragão, Nelson Portelinha, Silvestre Pestana. De todos, somente Ana Hatherley não tinha militância política. Mas havia em

nossas conversas, mesmo as mais reservadas, a maior discrição possível sobre a atuação de cada um.

- A PIDE é onipresente – costumava dizer Ernesto, com sua fala mansa, cofiando a barba de filósofo.

O AI-5 no Montecarlo

Na noite de 13 de dezembro de 1968, no Restaurante Montecarlo, soubemos – Ernesto e eu – da decretação do AI-5 e das primeiras consequências desse ato que exibiu toda a truculência dos militares. Eu bebia vinho, passei para bagaceira (mais derrubadora de juízo do que a nossa cachaça) e, quando me senti encorajado pela bebida, disse a Ernesto que iria fazer um protesto. Ao perceber que eu estava me erguendo, com o protesto a sair pela boca, o poeta pôs a mão no meu ombro e foi incisivo:

- Não sejas parvo, pá. Serás preso na hora!

Ainda bem que fui contido na minha idiotice.

Quatro décadas de ditadura

António de Oliveira Salazar, nascido em Santa Comba Dão, seminarista durante oito anos, trocou a batina pela chibata, pela mão de ferro com que governou Portugal durante

quase quarenta anos. Impôs um moralismo estúpido ao país. As moçoilas têm medo de namorar, todas sofrem do pânico de perder a virgindade. É proibido beijar em público. É proibida qualquer manifestação contra o regime, sob o risco de prisão e tortura. O país é pobre, miserável. Os camponeses (marido e mulher), quando saem de casa para uma jornada de dez horas de trabalho, dão aos filhos menores, que ficam sozinhos, o que eles chamam de “sopa de vinho”. São pedaços de pão embebidos em vinho de má qualidade com açúcar, o que faz as crianças dormirem o dia todo. É a única solução para os pais, é o começo de uma dependência alcoólica para os filhos. Nas cidades, nos bairros de lata (o nome das favelas, por aqui), o sonho de toda família é mandar, por tortuosos caminhos, seus filhos para a França. Lá eles têm mais futuro, mesmo trabalhando em fossas, bueiros, banheiros, em todas as tarefas que os franceses rejeitam.

Eu já estava em Portugal, em setembro de 1968, quando Salazar ficou entredado em cima de uma cama, derrubado por um derrame cerebral. Mas a ditadura salazarista permanece a mesma, sob o governo de Marcelo Caetano. Tudo sob o controle da onipresente PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

Uma noite de Vinícius

Melo e Castro, sempre ele, me avisa que Vinicius de Moraes está em Lisboa e, de quebra, me dá o seu roteiro. À noite, o poeta estaria na Livraria Quadrante e, mais tarde, seria homenageado com um jantar na casa de Natália Correia, autora da antologia *Poesia portuguesa erótica e satírica*. O livro de Natália, uma preciosidade que reúne poetas eróticos do século XIV ao século XX, valeu à autora uma temporada nas celas da ditadura de Salazar.

Me sinto cada vez mais triste, solitário e friorento. Procuro não lembrar o sol e as águas mornas das praias de Natal. Leio vorazmente na biblioteca da faculdade, bebo muito pelas tascas de Entrecampos, travo batalhas comigo mesmo, no meu cubículo da Azinhaga da Torrinha, para não me entregar à angústia, para não sucumbir. A presença de Vinicius me anima todo. Já pensou: ir à casa de Natália Correia na companhia do poeta que tanto admiro? Melo e Castro me avisara que na festa só entram convidados. E eu começo a procurar um jeito de ser convidado.

Chego à Livraria Quadrante. Adonias Filho, romancista baiano, está fazendo uma palestra, Vinicius está logo ali, perto de uma estante, à direita. Antes de entrar, eu havia

escrito um bilhete para o poeta, qualquer coisa assim: “Vinicius – Sou brasileiro, sou poeta, estou muito sozinho em Lisboa. Você me convida para a festa na casa de Natália Correia?”

Fico perto de Vinicius, entrego-lhe o papel dobrado em quatro e digo que ali tem um bilhete para ele. O autor de *Soneto da separação* me olha por baixo dos óculos escuros, volta a atenção para Adonias Filho, que está concluindo a palestra. Em seguida, tira a caneta do bolso e, sem desdobrar o meu papel, sem tomar conhecimento do meu bilhete, escreve qualquer coisa e passa para mim, sem falar nada. Leio o que ele escreveu: “Com o abraço cordial do Vinicius de Moraes.”

Nunca um abraço cordial me doeu tanto. Volto para a minha azinhaga, para o meu



Uma viela da Mouraria, bairro boêmio de Lisboa, com sua arquitetura barroca, com riqueza de capitéis e arcos

quarto mais frio do que nunca, para a minha solidão abissal.

Uma esmeralda no Montecarlo

Já não moro mais na Azinhaga da Torrinha. Me mudei para uma rua de nome esquisito – Rua do Malpique –, mas sem poças de lama e mais perto da faculdade. Dona Alzira, que me alugou um quarto do seu apartamento de segundo andar, tem um gesto que lembra a minha mãe, quando eu era criança. De madrugada, ela vem ver se eu estou coberto direito e, se não estou, ela passa o cobertor por trás de minhas costas, em repetidos gestos de ternura. Em dona

Alzira, talvez não fossem apenas gestos maternos, naqueles tempos terríveis de repressão sexual.

Perto do Natal, a angústia de quem está sozinho começa a se agigantar. Estou no Montecarlo com Melo e Castro, estudo a possibilidade de viajar com ele para Covilhã, na Serra da Estrela, para ver um Natal com direito a neve. A duas mesas, vejo uma mulher bonita, muito bonita, que olha em nossa direção. Melo e Castro a conhece: é Esmeralda, morou muitos anos em Paris, foi modelo, agora está de volta a Lisboa. Quando o gajo que estava com ela se retira, Melo e Castro a convida para nossa mesa. Ela é alegre, simpática, extrovertida e ainda mais bonita quando vista de perto. Alguns copos de vinho depois, Esmeralda me pergunta:

- Então, onde vais passar o Natal, pá?

- Vou para a Serra da Estrela – respondo. E completo, com a audácia dos que não têm nada a perder: - A menos que queiras passar comigo.

Ela não esconde o pequeno susto. Bebe um gole de vinho, olha nos meus olhos e diz, com o sotaque muito gracioso, muito giro:

- É um caso a pensar...

A partir desta noite, nos amamos nas ruas, nos becos, nas azinhagas, nas pontes, no rio, no mar. Fomos advertidos por estarmos nos beijando em público. Comprei dúzias de rosas vermelhas e, numa travessia do Tejo, joguei as rosas nas águas, dizendo que gostaria de cobrir todos os mares com flores, em homenagem a ela. Escrevi para a amada poemas com furor e paixão e recitei em voz alta, no verde infinito dos jardins da Marquês de Pombal. Refizemos juntos, de mãos dadas, os passos de personagens de Eça de Queiroz e dos heterônimos de Pessoa. Saciei a minha sede na esmeralda líquida dos olhos dela. Exorcizei para sempre a solidão. Ensinei-lhe que os poetas às vezes são insensíveis, não solidários, egoístas ao extremo – eu pensava em Vinicius de Moraes, mas talvez estivesse fazendo uma autocrítica.

Vésperas do fim de ano, Esmeralda me disse que precisava passar as festas de Ano-Novo no Algarve, com sua família. Beijou-me muitas vezes, nos inundamos de carinho e ela partiu, prometendo voltar na primeira semana de 1969. Fiquei sozinho, tristíssimo, e só então descobri que havia gasto todo o meu dinheiro naquele delírio amoroso. A bolsa da Fundação Gulbenkian só sairia no dia 5 de janeiro. Melo e Castro, que poderia me emprestar algum, estava longe, na sua Covilhã natal. E agora, caicoense apaixonado e perdido em terras lusitanas?

Aquele baú

Paulo De Macedo

"O Brasil é uma República Federativa
cheia de árvores e gente dizendo adeus."
(Oswald de Andrade)

"Sem trabalho eu não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
Não tenho identidade
Mas o que eu tenho é só um emprego
E um salário miserável."
(Renato Russo, Música de trabalho)

Há algumas semanas, Selma, aquela nossa empregada de tantas épocas, passou-me a tua carta que, à primeira vista, me pareceu esquisita logo que vi o quanto estava amassada; fria como minhas faces. O conteúdo provocou-me uma grande surpresa, Felipe, que não a descrevo para não te deixar mais abatido. Só quero que você saiba que durante muitos anos eu te considerei como meu único e grande amor, pois todos os pretendentes, que rodearam a casa de papai, nunca mais tornaram a me importunar após o nosso namoro, em pouco tempo transformado em compromisso sério. Lembra da noite em que você foi me cortejar? Naquela noite, você tinha me falado dos seus planos futuros: a aprovação no vestibular, o automóvel novo de fim de ano, as glicínias que decorariam a estante de vidro do nosso lar, o quadro anormal de um pintor de seu gosto: DALI...

É tudo muito forte para mim, Felipe! É como se a cena em que você abraçava os amigos fleumaticamente ainda acontecesse na minha consciência. O usado roupão de linho simples, adquirido com tanto sacrifício, cheio de máculas de cerveja, inundando de simpatia toda uma vida macilenta. Uma vez, lembro que jantamos num restaurante italiano (*a culinária poética de Dante, Petrarca!*...), dizia bailando por aquelas catedrais romanas e arquitetura gótica) em que,

após a ceia, você me pediu em casamento e todos os clientes e empregados me felicitaram pela resposta irresistível, que me deixou completamente ruborizada. Além disso, devo salientar nestas páginas dissolutas que foi naquele momento feliz que se deu o nosso primeiro beijo, aliás, o último. Tivemos muitas discussões, Felipe; numa delas, papai quase chegou a proibir o nosso romance, ele havia implicado com o teu jeito hostil de lidar comigo, principalmente quando você bebia.

Eu entendia o porquê de tudo aquilo, ou melhor, agora entendo: era desabafo. Ficamos sem nos comunicar por alguns meses, porque você quis permanecer incomunicável temporariamente. Já

me acostumara à tua reclusão anônima; minha família não ficaria a meu favor a partir do instante em que eu resolvesse te procurar; mas tenho que reconhecer:

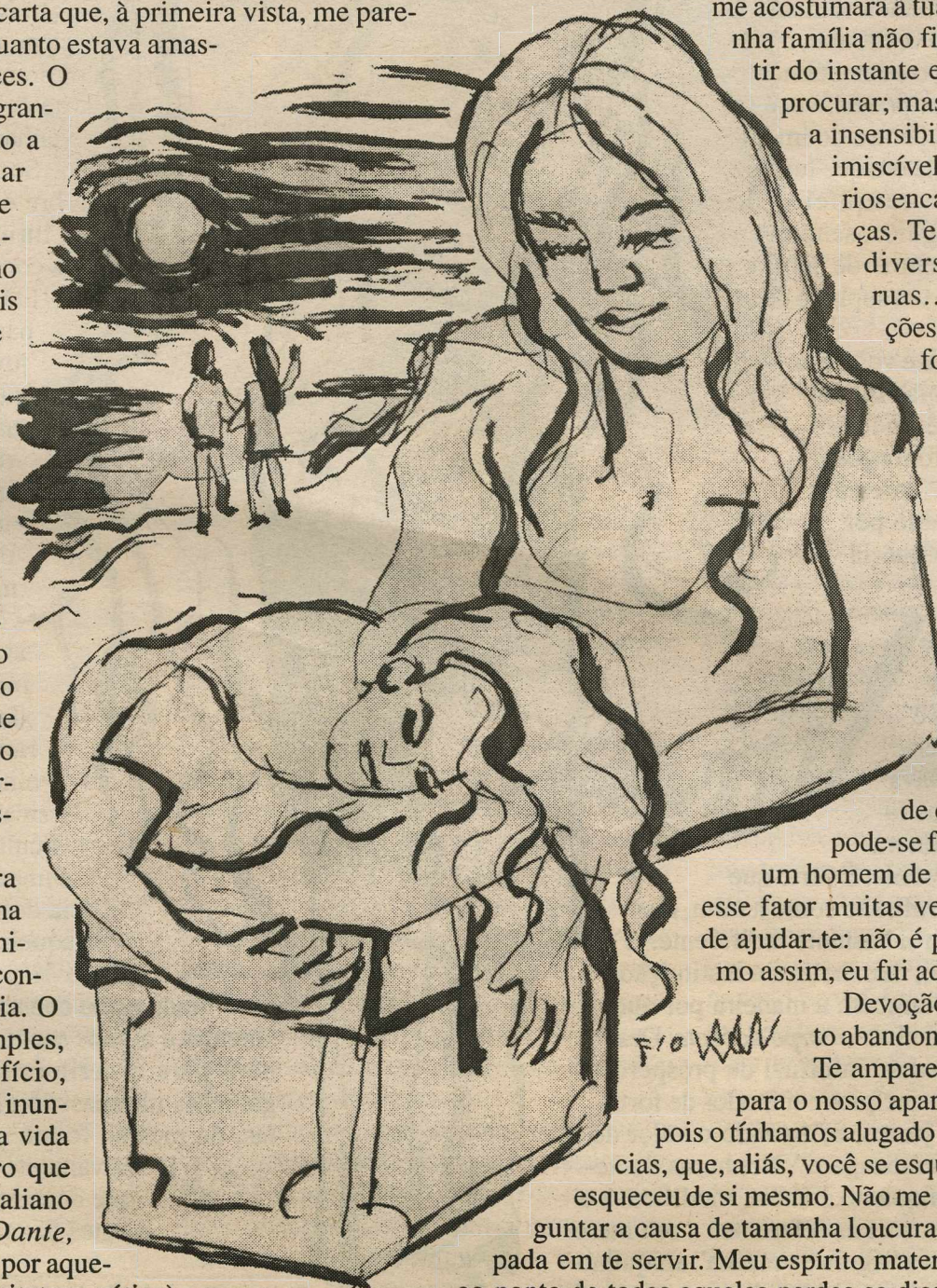
a insensibilidade é um sentimento imiscível para uma pessoa de vários encantos, de tantas esperanças. Te procurei sem tédio por diversos edifícios, praças, ruas... Sou frágil para descrições, Felipe!, isso sempre me

foi doloroso, como também o foi presenciar o estado lamentável em que te achei. E você, como de costume, manteve o gesto insensato; tentei te explicar, Felipe, o quanto era importante para o mundo o teu trabalho, a tua presença para as pessoas, essencialmente para mim. Mas pela minha experiência

de estudante de psicologia, pode-se fotografar o desespero de um homem de uma maneira mínima, e esse fator muitas vezes torna árida a tarefa de ajudar-te: não é para qualquer um. Mesmo assim, eu fui adiante por estima.

Devoção? Já é exagero. Há muito abandonei essas místicas, Felipe.

Te amparei como poucos, te levei para o nosso apartamento em Petrópoles, pois o tínhamos alugado para nossa noite de núpcias, que, aliás, você se esqueceu, como também se esqueceu de si mesmo. Não me atrevi, intimidada, a perguntar a causa de tamanha loucura, eu estava mais preocupada em te servir. Meu espírito materno cresceu em demasia ao ponto de todas aquelas perdas se dissiparem; só tinha forças



para te olhar com vigilância, e só. Por que será tão difícil manifestar o meu verdadeiro amor por você, vida? Eu francamente não sei, Felipe. E acho que jamais saberia dizer.

Talvez o ser humano seja levado a cometer coisas fora da normalidade, como defesa à própria situação depreciativa de se ajoelhar aos pés da necessidade. É, é isso! Provavelmente, você tenha o algoz da necessidade a te maltratar por querer agarrar a sensação de ter vencido a miséria, a injustiça. Afirmar com certeza seria um desafio, e até mesmo fútil. Como são fúteis as formas que arrastam uma pessoa ao mais profundo precipício. A vida nos é fútil, Felipe. Porém, naquela noite, em que dormíamos no apartamento, que descobri os porquês de tantos martírios. Foi durante a queda de um retrato nosso(juntos, numa praia do litoral sul, apreciávamos a lua sangrenta), que eu pude acompanhar o teu sonho, ou seja, o teu delírio $\frac{3}{4}$ efeitos da depressão. Escutei: "*Parem de me torturar!...Deixem-me!*"; e depois: "*Quero trabalhar sossegado!*...". Eram frases soltas, não conseguia entender. Adiante, você se pôs a contar minuciosamente a alegria da aprovação no vestibular, o primeiro dia de faculdade, o contentamento dos teus estudos, os teus poemas, você se perdia em imaginações dentro do imaginário. Houve um instante em que tua voz era uma angústia, resquício de lamúrias...Logo em seguida, senti a recomposição dos momentos de júbilo para novamente ouvir o teu suplício de condenado.

Até que você serenou e voltou ao sono fundo. Às três horas da manhã, despertei com você tendo novos pesadelos, e mais informações eu colhi a teu respeito. Parecia um medo de ser castigado por alguma coisa que não queria dividir com ninguém. E blasfemava contra o patrão desumano, o diretor, que lhe obrigava a voltar as tuas atividades e continuar recebendo ofensas dos que você chamava *parasitas*. Lacey todos os fatos: Felipe, você foi exonerado do cargo de mestre-escola. É certo que me dizia que amava a profissão como a mim, mas o sabor da decepção te foi bastante indiferente. E cada vez mais revoltado, denunciava a instituição onde trabalhara, senão também a maneira por que tratavam a máquina produtiva: *o corpo docente*. Desde o nosso primeiro contato informal de prósperos cônjuges, percebi teus princípios e métodos de fortalecer o sentimento dos justos, edificando o valor do sistema $\frac{3}{4}$ "meio de aprendizagem". Nenhuma das teorias da psicoterapia, enquanto ciência, modificava o teu método nas relações sociais referentes a um mero discípulo. Até Lacan era a "águia de rapina" aniquilando o desejo que você preferia deitar para o plano da

ignorância, sempre a me dizer: "Tolices de alguém inusitado, na prática não é assim que se procede".

Saltou-me à memória a cena daquela noite de agonia, Felipe, em que me achei por segundos, vítima de um lunático. Ela foi-me assustadora, mas nada que uma futura especialista da mente humana não se veja controlada nessa situação.

Se me perguntarem qual foi a minha reação, meu querido, acho que nem eu mesma poderia responder. Invadiu-me a enorme onda de culpa por não te ter ajudado há tempo, Felipe, e esse pressentimento maldito é culpa que se transforma em dó. Que nada! Deixemos isso de lado, é passado. No entanto, aprendi que além da feroz máquina educacional do Estado, existe outra em dissolução: o homem e a mulher. Nenhum juros ou percentagem podem comprar a essência e o bem-estar da raça humana, e até mesmo da própria mulher, embora ela mesma se importe em visualizar tal luz em maior intensidade que o companheiro amado. Vai me desculpando, Felipe, a singela idéia, sou o cofre de todas as tuas dores. Até os estudiosos das ciências deslizam em mares de inseguranças, o que faz com que suas descobertas experimentais, às vezes venham a ser frágeis.

Se agora estou aqui inclinada sobre esta mesa de tantas horas noturnas de estudos teus, Felipe, contornando condoída letras solitárias nesta carta de amor, companheira dos nossos tempos de juventude, é para que você possa lê-la sobre a tua lápide; pois assim dará continuidade à tarefa de nos correspondermos qual antigamente. Receberei uma resposta em forma de poema, com versos metrificadas à Bilac, poeta que você tanto gostava. Espero ansiosa esses versos que ainda moverão os cometas e as galáxias por milênios. Começo a deramar uma gota lacrimal dos olhos. Não se zangue caso este sinal da sensibilidade feminina dificulte em alguns trechos a leitura, é impossível conter-me à tua ausência desolada. O que vem acentuá-la é aquele baú coberto de um lençol de veludo $\frac{3}{4}$ presente de casamento!... $\frac{3}{4}$

onde estão conservados o teu diploma de formatura e alguns sapatos envernizados que papai te dera para a cerimônia. Se são galochas, meras galochas ultrapassadas!, não me disponho a vendê-las, da mesma forma que recuso-me a me separar novamente de você, Felipe. São regras que determinei para mim mesma. "Disparates daquela que te terá eternamente".



Tensão e equilíbrio numa novela de Renard Perez

NELSON PATRIOTA

O escritor Renard Perez, um macaibense que desde a sua juventude reside no Rio de Janeiro, está festejando o cinquentenário de sua estréia literária. A novela *O Beco*, que mereceu uma recepção crítica bastante favorável de Dinah Silveira de Queiroz, Érico Veríssimo, Fausto Cunha e Samuel Rawet, entre outros, ganha uma nova edição pela editora carioca Mileto, com uma concepção visual sóbria e moderna, e texto revisto pelo Autor.

A ação de *O Beco* é simples, e contém características de um conto longo,

narrado em primeira pessoa, cujo protagonista é um estudante de origem nordestina vivendo numa pensão carioca de subúrbio e que engravida uma empregada, num ato do qual se arrepende logo em seguida. Tudo não teria passado de um lamentável acidente para Mário, o estudante nordestino que estuda Direito na cidade grande. Para Esmeralda, porém, torna-se um acontecimento fundamental, capaz de reorientar sua vida para um futuro diferente. É com esse contraste de objetivos que Renard Perez faz de *O Beco* uma novela para o nosso tempo.

A vida de Mário encontra-se, no decorrer da novela, numa fase de total indefinição, o que torna inconsistentes suas ações, desde as cartas que escreve para os pais, falando de estudos que não frequenta, aos agrados com que provê as carências de dona Iolanda, a dona da pensão, no afã de ganhar-lhe a simpatia para o conflito que inevitavelmente acontecerá, quando a verdade sobre a gravidez de Esmeralda vier à tona.

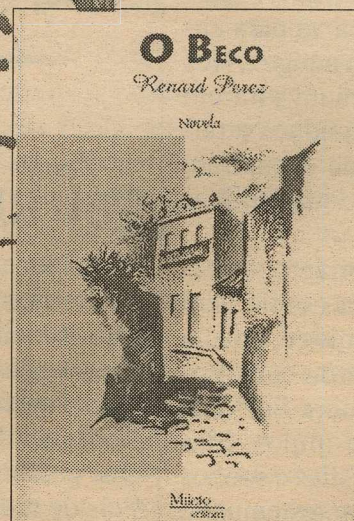
Pusilânime, falto de convicções, Mário

tem apenas uma certeza: terá que encontrar uma solução para o seu problema. Esmeralda não deverá parir aquela criança indesejada e inoportuna. Essa certeza não deixa a Esmeralda outra opção senão aquela que aproxima perigosamente a espera e a esperança do desespero. É aí, nesse estreito espaço, que Mário verá surgir a solução para o seu erro.

O universo ficcional de Renard Perez é nitidamente pós-modernista. A ele não preocupam as discussões sobre o papel do regionalismo literário, a busca dos fundamentos culturais da nossa brasilidade e outras questões teóricas tão apreciadas por um Mário de Andrade, por exemplo. Os personagens de Perez não são protótipos ou arquétipos do que quer que seja. São seres humanos comuns, que lidam com pessoas igualmente comuns e que tentam, de todas as formas, se fazerem entender e, se possível, amar. Daí a urgência com que Mário tenta corrigir o erro que cometera num momento de desvario. E daí também a sintonia que estabelece com a condição humana, que, nos seus textos, se traduz por uma empatia que, no fundo, é apenas outro nome para a palavra humanismo.

No seu único romance, *Começo de Caminho: o Áspero Amor*, assistimos à agonia de Carlos, um jovem que, à semelhança de Mário, também é originário do Nordeste e que chega ao Rio de Janeiro em busca de oportunidades. Mas com duas diferenças em relação àquele: é pobre e sonha em ser escritor. Tudo muda quando conhece Clotilde, ou melhor, Clô, uma funcionária pública com quem se encontra num cinema e com quem faz amor, em seguida.

Coincidentemente, tanto na sua novela de estréia como no seu romance, a consecução do ato sexual aproxima de imediato os amantes, para em seguida



Em nova edição pela editora carioca Mileto, a cinquentenária novela *O Beco* dá início à republicação da obra ficcional do norte-rio-grandense Renard Perez

separá-los.

No romance, a reação de arrependimento nasce de Clô, consciente de que Carlos a achará fácil e volúvel, o que a leva a afastar-se de Mário e a evitá-lo, embora o queira. E por mais que Carlos tente, não conseguirá evitar que essa idéia o persiga, até obsessivamente. E isso significará a ruína de seu relacionamento com Clô. Mas, como no *Bildungsroman*, (e como na vida) o desfecho de ambos os livros deixa entrever que o protagonista sairá mais maduro do duro aprendizado.

Em *Creusa*, *Creusa* a mais recente antologia de contos de Renard Perez, a temática dos conflitos sentimentais é frequente. Seus personagens continuam sujeitos às tentações do amor e à solidão que fica em sua ausência, muitas vezes com resultados trágicos, como no conto "Antero". A solidão, por sua vez, é o tema dominante do magnífico *Irmãos da Noite*, antologia de contos que descrevem homens notívagos perdidos na noite da cidade grande: mágicos de subúrbio, ambulantes, trabalhadores temporários, vigilantes, garçons, populares, enfim. É nítida a simpatia que o autor sente por essa gente desgarrada em busca de um amigo com quem compartilhe uma bebida e que são cúmplices de um sentimento comum: o desconforto dos seus quartos tépidos, cubículos a que evitam retornar cedo por não saberem o que fazer consigo mesmos. Por isso, qualquer pretexto serve para retardá-los na rua, onde a noite fosforescente da cidade grande reserva sempre algo que os distraia. Em "Briga de bar", por exemplo, um rapaz vive o drama de ter se desentendido por um motivo fútil com o dono do bar da sua vizinhança, onde se sentia "em casa". A partir daí, empreende uma busca vã para encontrar um bar que substitua o antigo... Nos demais contos, a tônica comum gira em torno de pessoas assim: indivíduos atraídos pela cidade grande e que encontram nos bares um sucedâneo da vida familiar que deixaram para trás.

Renard Perez não faz, portanto, literatura programática, não criou escola nem revolucionou a forma do romance, novela ou conto, gêneros que explorou com moderação. Basta ver que sua obra ficcional não ultrapassa, a rigor, sete títulos. Mas ao dar voz aos anseios, angústias e sonhos do homem comum, deixa um testemunho literário de significado ímpar que terá sempre um lugar reservado no grande livro da literatura brasileira.

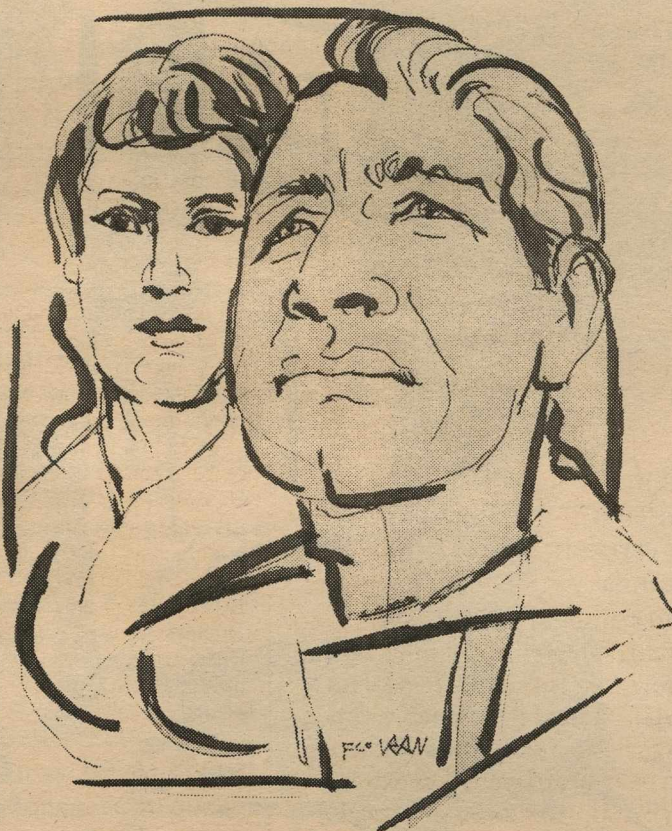
Nelson Patriota, natalense, é jornalista e sociólogo.

Très, très, très romantique

João Wilson Mendes Melo

PRINCIPALMENTE O AMOR

Mesmo que eu chegue um dia a perder-te
Será melhor do que não ter chegado um dia a conhecer-te
A ausência do prazer não pode constituir prazer
E a amargura que às vezes o acompanha
Não lhe tira o valor,
Se ele é, realmente, prazer,
Se ele é, principalmente, um amor.



TEU RETRATO DE JOVEM

Vou colocar na parede
Teu retrato de formatura.
Não és mais aquela, bem sei,
Tantos anos passaram...
Quero apenas contemplar,
Na ilusão de parar o tempo
Que passou sem que percebêssemos;
Pois de tudo que se foi
Na voragem das horas, dos dias e dos anos,
Tua face de jovem que envelheceu comigo
É a beleza maior que o tempo me deixou;
É um pouco da alegria, cheia de amor
Que ficou.

REVIVENDO O PASTOR DE CAMÕES

Por fim,
Um ousado pedido
Que sei de antemão
Certamente,
Não será atendido:
Fica comigo, minha amada,
Hoje, amanhã e sempre!
Cinquenta anos apenas
Não é tempo bastante;
Para o amor verdadeiro
Não é mais que um instante.
Não me deixes,
Não te vás pelo espaço
Sem que eu possa te ver,
Mesmo que caminhando
Para as luzes de Deus...

Para ser contemplado
E deter-te ao meu lado,
Muito mais que sete anos,
Repetiria, feliz,
O labor incessante
Das colheitas que fiz.

João Wilson Mendes Melo, norte-riograndense, é poeta e acadêmico.

Correio d'O Galo

Goianinha, RN, 20 de junho de 2002

Prezados Senhores,

Não se encontra em semelhantes jornais do segmento de O GALO leituras que objetivem a essência e a propriedade literária que o pertença, em qualificação, sem medo de injustiça, ele é o único. É uma verdadeira viagem entre o filosófico e o natural, entre o poético e a crônica, que deliciam os olhos e amaciam o ego dos seus leitores; diria ainda é o completo, muito embora as visões dos críticos, estes exigentes, ainda definam, "o completo" como uma tapeçaria inacabada, e ainda que acaba os seus componentes geométricos se apresentam como disformes.

Tenho tido, nos últimos meses, a enorme e prazerosa oportunidade, por que não dizer, o grande privilégio de acalantar as minhas noites embaladas pelos sossego de refletir as inúmeras crônicas e poesias estampadas em O GALO, o que tem contribuído enormemente para um grande aprofundamento de aprimoramento das aulas filosóficas das teorias conceitualistas adquiridas nos bancos da faculdade de filosofia.

Nada mais justo e muito mais que coerente que me utilize deste veículo para agradecer-lhe por este privilégio dirigido a mim e a tantos outros leitores que além de amantes do seu grande conteúdo se constituem em felizes adquirentes do conhecimento repassado por este grande distribuidor de cultura da nossa nação potiguar.

Junto à presente, a título de colaboração se assim for entendido, uma das minhas poesias para publicação neste grande jornal, o que me dará, indubitavelmente, muita honra e alegria de participar como colaborador deste veículo cultural.

Agradeço esta oportunidade e dela faço o ensejo para afirmar o meu respeito, consideração e admiração por todos que fazem parte de tão nobre fonte de cultura – O GALO.

Atenciosamente,

José Augusto Ribeiro,

Poeta e bacharel em Filosofia

Nelson amigo:

recebi ontem - afinal! - um exemplar do GALO com a entrevista e mais o seu texto sobre o *Graumann*.

É uma abordagem impecável a sua, mas gostaria que vc tivesse visto "O livro das montanhas da Lua" menos como uma obra minha do que de Lúcio Graumann de fato, conforme foi pensada. Além disso, a presença do livro — dentro do livro — ali cumpre duas funções, ainda: aproximar o leitor do tipo de obra do brasileiro nobelizado e também distanciar, cortar o romance trabalhado pelo menos entre dois extremos: o universo representado por "Acaú" (Brasil, Ariano, Jorge Amado) e as fronteiras da "Mongólia" - exterior e interior - que o livro tenta aprofundar na alma de um escritor gaúcho imaginário e afastado do rebanho de cabras das Taperoás...

Obrigado pela argúcia crítica, pela excelente entrevista e pelo destaque dado a este seu

sempre amigo

Fernando Monteiro

PS. E viva O GALO! Abraço o Woden por mim - e lhe pergunte o que ele achou do T. E. Lawrence visto desde as nuvens de sombra...

Caríssimo Nelson

Li a última edição do jornal O Galo. Parabênzulo pela excelente entrevista com Fernando Monteiro sobre o romance "O grau Graumann".

Abraços com admiração e afeto.

Fabrizio Carpinejar

P.s: Assim que sair, mandarei meu novo livro, «Biografia de uma árvore», com prefácio de João Gilberto Noll e orelhas de Vicente Franz Cecim.

LIVROS / Lançamentos
NELSON PATRIOTA

POESIA

Edição A.S. Editores
Natal, RN
2002

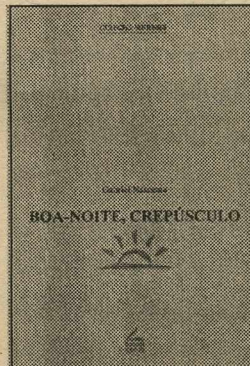
Livro de estréia de Lívio Oliveira, "O Colecionador de Horas" se coloca hoje como uma revelação da nova poesia norte-rio-grandense, iniciada, a propósito, nas páginas deste periódico. Lívio é uma revelação poética na medida em que se afirma como dono de uma dicção própria, confessional, o que explica sua preferência pela primeira pessoa como veículo de manifestação do seu eu poético, e que não consegue evitar um certo tom *naïf* ou *gauche* da lição drummondiana. Como em "Distraído": (...) "A escorregadia/ atenção/ que dedico/ ao momento/ que foge/ é asa/ fumaça/ é vento./ O preço a pagar:/ estranhamento". A profissão de fé do poeta fica patente no belo "Fim de noite": "De tudo que tenho,/ nada tenho./ De tudo que eu posso,/ nada posso./ Do sal que me salga/ no remorso,/ destroços./ Os nervos que se abrem/ no espaço,/ as vísceras partidas,/ a face pintada,/ a fútil fome,/ o pífio desejo,/ são fogueiras,/ são fagulhas,/ na mesura/ de um brilho/ que não espera/ a noite findar". A consciência de mundo do poeta cobra-lhe, pesa-lhe e a resposta é outra vez drummondiana. Como em "Exaurir-se". (...) "A vida é metade sorte./ Hoje, existo,/ sinto toda a extrema/ miséria do ser/ sem-ser// A vida é metade corte. Hoje, minto,/ minto para continuar vivo,/ vivo-morto-vivo// A vida é metade morte".

POESIA

Editora Idéia
João Pessoa/PB
2002

Professor, animador cultural, crítico literário, colunista, ensaísta, poeta... Hildeberto Barbosa Filho é hoje uma das principais referências literárias das letras paraibanas e um interlocutor ativo dos principais nomes das letras nordestinas. O zelo com que constrói sua obra poética, alternando-a com o exercício da crítica e do ensaio, revela a preocupação em não perder de vista o diálogo com a literatura viva, cotidiano que serve, como que de substrato para a sua obra. Neste «Eros no Aquário», Hildeberto retoma alguns dos temas caros e recorrentes em sua obra, que é o cantar a amada (como o fez em «Pequena propedêutica litúrgica ao sagrado corpo da mulher amada»). E pelo menos dois terços do livro são celebração do amor. O mais são poema circunstanciais e «Prelúdios para uma poética», onde indaga: «Existiria o poema/ ou existe tão somente/ a neutra sombra/ das coisas?// Existindo o poema/ o poemas nada mais seria/ que a gosma das sobras/ a poeira do perdido// Quem garante/ que o poema existe? (...)».

POESIA

Edição UFG
Goiânia/GO
2002

Com "Boa noite, Crepúsculo" o poeta goiano Gabriel Nascente dá prosseguimento a uma obra poética iniciada em 1966, com "Os Gatos", e que contabiliza mais de 30 títulos em poesia e ainda novelas e romances. Em suma, trata-se de um autor extremamente fecundo e cuja obra ganhou repercussão nacional. "A Torre de Babel", lançado em 2000, teve recepção crítica muito favorável, entre outros trabalhos do autor. Neste novo livro de poesia, predomina o acento clássico, haja vista a subdivisão em três capítulos: "Os lírios de Afrodite", "O arquipélago dos deuses" e "A titrine de Orfeu", que já o denunciavam. Obra de maturidade, o tom elegíaco de "Boa-noite, Crepúsculo" se anuncia já no poema de abertura: "A pérola do pórtico": "Pomo dourado dos /meus anseios: musa./ As portas do cimo/ estão fechando./ Loucos clarins anunciam/ o funeral das estrelas./ Fico te olhando, pássaro/maduro:/fala." Mas a musa de Nascente tem humores mutantes, ora sóbria, ora irônica... Em "Lendo Sófocles no barbeiro" predomina este último modo: "Cheguei às pressas/ ao trono de Tebas//Tirésias veio comigo/ a bordo do sapato./ e à cadeira do barbeiro/ subi Sófocles, e seu/inexorável fatalismo./ A tesoura podava a neve/dos meus cabelos (...)".

Um poema de Arthur Rimbaud



O Dorminhoco do Vale

Em um charco de verdura onde canta um riacho
Acercado loucamente de ervas de esfarrapados
Prateados, onde o sol da montanha altiva
Brilha; em um pequeno vale que espuma seus raios.

Um soldado jovem, boca aberta, cabeça nua
E a nuca banhada de frescos agriões azuis,
Dorme: ele está estendido na erva, céu de nuvens.
Pálido no seu leito verde onde a luz jorra.

Os pés tocando os gladiolos, ele dorme sorrindo
Como sorriria uma criança doente, ele faz o sono.
Natureza, berça-o com ardor: ele tem frio!

Os perfumes não mais excitam a sua narina.
Ele dorme ao sol, a mão sobre o peito,
Tranquilo. Tem dois buracos vermelhos do lado direito

Tradução de **Dorian Gray Caldas.**

Le Dormeur du Val

Arthur Rimbaud

C'est un trou de verdure où chante une rivière
Accrochant follement aux herbes des haillons
D'argent, où le soleil, de la montagne fière,
Luit ; c'est un petit val qui mousse de rayons.

Un soldat jeune, bouche ouverte, tête nue
Et la nuque baignant dans le frais cresson bleu,
Dort : il est étendu dans l'herbe, sous la nue,
Pâle dans son lit vert où la lumière pleut.

Les pieds dans les glaïeuls, il dort. Souriant comme
Sourirait un enfant malade, il fait un somme.
Nature, berce-le chaudement : il a froid!

Les parfums ne font pas frissonner sa narine ;
Il dort dans le soleil, la main sur sa poitrine,
Tranquille. Il a deux trous rouges au côté droit.

(Poésies)